

## ÍNDICE

### Primeira Parte: Normas de Redação

	PÁGINA
INTRODUÇÃO .....	8
O REPÓRTER E A REPORTAGEM .....	12
Isenção .....	13
Informação .....	13
Coletivas .....	13
Multidão .....	14
Detalhes .....	14
Suite .....	14
Nomes e Números .....	15
Perguntas .....	15
Pronúncia .....	16
Postura .....	16
Questões de Ética .....	17
MEDIDAS PARA FACILITAR A EDIÇÃO .....	19
COMO BATER A PÁGINA E MARCAR O SCRIPT .....	25
COMO E QUANDO USAR O GERADOR DE CARACTERES .....	31
O Nome do Entrevistado .....	32
Nomes Abreviados .....	33
A Ortografia dos Nomes .....	34
Cargos e Profissões .....	34
Regras para Abreviar .....	35
As Abreviaturas Militares .....	36
Créditos de Repórter .....	37
Imagens Via Satélite .....	38
Créditos para Imagens .....	39

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS .....	40
Adjetivos .....	40
Artigo .....	40
Assassino .....	41
Cargos e Títulos .....	41
Citações .....	41
Continua .....	41
Delegacias .....	42
Deputados e Senadores .....	42
Dom .....	42
Doutor .....	42
Esposo, Esposa .....	42
Este e Esse .....	43
Forma Verbal Reflexiva .....	43
Futuro do Indicativo .....	43
Gerúndio .....	43
Gíria .....	43
Hora .....	44
Línguas Estrangeiras .....	44
Medidas de Superfície .....	44
Moedas e Velocidades .....	44
Muletas de Estilo .....	45
Nomes de Lugares .....	45
Nomes Próprios .....	45
Números .....	46
Personalidades .....	46
Possessivos .....	47
Pronomes Pessoais .....	47
Retescando a Memória .....	47
Renúncia .....	48
Repetição de Palavras .....	48
Senhor, Senhora .....	48
Síglas .....	48

Singular e Plural .....	49
Tempo .....	49
Título .....	49
Varição Pronominal .....	50
Verbos .....	50
Outras Recomendações Gramaticais .....	53
PALAVRAS E EXPRESSÕES A EVITAR .....	57
ALGUNS CONSELHOS PARA A PRONÚNCIA BRASILEIRA DAS PALAVRAS .....	62
As Vogais Nasais .....	64
Os Casos de Abrandamento .....	65
Separar as Sílabas .....	66
O Problema do S .....	66
O Problema do R .....	67
Vogais entre Consoantes .....	67
Vogais Abertas e Fechadas .....	68

#### Segunda Parte: A Imagem

INTRODUÇÃO .....	70
A FILMAGEM DE ENTREVISTAS .....	73
A Regra dos 180 Graus .....	74
Enquadramento Padrão .....	75
Cenas de Corte .....	76
Os Contraplanos .....	76
Plano Geral .....	77
Erros de Enquadramento .....	77
Microfones .....	79
NORMAS PRÁTICAS PARA CINEGRAFISTAS E REPÓRTERES	80
Aberturas, Passagens, Encerramentos .....	81
Arte .....	82
Cenas Aéreas .....	82

Câmeras e VTs .....	82
Contraluz .....	83
Diafragma .....	84
Enquadramento .....	84
Enquadramento do Repórter .....	84
Equipamento .....	86
Explosões .....	86
Fotogenia .....	86
Iluminação .....	87
Microfones .....	87
Números Musicais .....	87
Panorâmicas .....	88
Paulas .....	88
Regra dos 180 Graus .....	88
Som .....	88
Sonoplastia .....	89
Tripe .....	90
Violência .....	90
Zoom .....	91

PRIMEIRA PARTE

# NORMAS DE REDAÇÃO



# INTRODUÇÃO

A palavra é tão importante na televisão quanto no jornal. A diferença é que o texto de jornal é para ser lido pelo público e o da televisão para ser ouvido. Na televisão, não dá pra voltar atrás e ler de novo ou ouvir de novo. É importante pois que o texto seja claro, direto, simples, enfim, tenha as virtudes da linguagem coloquial. O locutor conversa com o telespectador.

O livro "Television News" faz uma comparação feliz e como se a gente abrisse a janela e contasse para o vizinho a novidade do dia. Se a gente fizer assim, certamente começará o papo com uma expressão do gênero. Ei, João sabe o que aconteceu? — esse é um truque que você deve usar na hora de escrever uma notícia. Imagine que você está contando alguma coisa pra alguém. Sempre que escrever, imagine uma pessoa — é com ela que você vai conversar, é pra ela que você vai transmitir a sua informação. Não esqueça que é importante motivar a pessoa para que ela receba o seu recado.

O texto de televisão, que é para ser ouvido, é também, naturalmente, para ser lido em voz alta pelo narrador. Então, a primeira pessoa a ler o seu texto, em voz alta, deve ser você mesmo. A leitura em voz alta vai dar a você a chance de descobrir muitos erros. Palavras que não soam bem, comprometendo a musicalidade da frase; palavras mal colocadas, prejudicando o ritmo do texto, — e o ritmo é essencial para a apreensão da mensagem. Corrija as falhas. E, depois, mais uma vez, leia em voz alta. Se tiver tempo de ler para outra pessoa, não deixe de ler. Duvide sempre do texto que lhe sair de primeira. O texto tem que ser curtido, vivido, sofrido na máquina. Há redatores capa-

zes de fazer um bom texto de primeira. Mas esses a gente conta nos dedos. E talvez não seja o seu caso. Por isso, duvide sempre de seu primeiro texto.

A televisão exerce sobre as pessoas um grande fascínio. Ao contrário do cinema, no entanto, ela nunca é dona absoluta do ambiente. Na sala, no quarto, onde quer que esteja, a televisão está sofrendo a concorrência de outros elementos: gente entrando e saindo, coisas acontecendo na sala, bagunça de crianças. Quando o telejornal entra no ar, geralmente ele fala para o homem que chegou do trabalho, para a dona-de-casa atarefada com panelas, a mesa e as crianças. Essas pessoas querem se informar. Mas é preciso que a televisão dê a elas um telejornal bem escrito, bem ilustrado, bem dosado, senão, simplesmente poderão se desligar ou desligar o aparelho até amanhã ou até nunca mais. E todo o seu trabalho e de sua equipe terá ido por água abaixo. Seu objetivo — transmitir a informação — fracassou redondamente.

Outra coisa importante na hora de escrever é lembrar que o locutor precisa respirar. E uma pausa para respirar no meio de uma frase quebra o ritmo da leitura e pode até alterar o sentido do texto. Portanto, frase curta, ordem direta. As intercaladas, a não ser curtinhas, devem ser evitadas.

Não só frases curtas: prefira também palavras curtas. Ai está outro segredo de um bom texto de televisão. A palavra longa geralmente sugere coisa abstrata. A frase é um pacote de informação — compara o "Television News" — e a informação em palavras longas é um pacote pesado demais. Mas se tiver que usá-las, use-as em frases curtas.

Uma série de frases curtas e incisivas dá à notícia um sentido de ação e urgência. Assim mesmo, é bom variar um pouco o comprimento das frases para evitar que o estilo fique muito pingue-pongue.

Churchill dizia com muita sabedoria: "As palavras curtas são as melhores. E as palavras curtas, quando são

velhas, são as melhores de todas".

Outro homem bem-humorado, Mark Twain, que ganhava por palavra que escrevia, afirmava: "Nunca escrevo *METROPÓLE* por sete cents se posso escrever *CIDADE* pelo mesmo preço".

"Escrever é cortar palavras" — é a lição do mestre Carlos Drummond de Andrade. Essa mesma lição está no "Television News" em duas frases: Se a palavra não é necessária, corte. Se a frase não acrescenta nada à informação, não use a frase.

O importante é levar a notícia, a idéia, em poucas e bem escolhidas palavras. Não se quer o texto vulgar. O que se quer é um texto coloquial, com as palavras bem escolhidas, usadas na hora certa e no ritmo certo.

Respeitar a palavra é muito importante no texto de televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função. Assim, filme de arquivo só deve ser usado quando tiver informação, quando a imagem do arquivo valer como informação. Imagem só pra disfarçar, sem peso de notícia, não vale. É melhor fazer um bom texto e dar, ao vivo, no locutor.

# O REPÓRTER E A REPORTAGEM

O papel do repórter é levantar a notícia. Se for possível ilustrar o fato com uma câmera, muito bem. Se eventualmente não houver câmera, o repórter continua obrigado a apurar os fatos e passar tudo ao seu editor.

Uma distorção no conceito de repórter é imaginá-lo mais importante do que a câmera. É comum a chefia de reportagem ignorar o cinegrafista na hora de dar a orientação da cobertura. Isto é um vício de jornal impresso. O cinegrafista deve participar da concepção e realização da reportagem no mesmo nível do repórter. A melhor síntese para reforçar essa integração é dizer: o repórter é instrumento da câmera que, por sua vez, é instrumento da notícia.

A participação do repórter na matéria deve ser sempre testemunhal. Narrar texto *off* no estúdio é distanciar o repórter do fato. Quando for imprescindível esse recurso, o tom do *off* deve ser igual ao do testemunho: pontuado, objetivo mas coloquial, sem impositação. Texto casado com a imagem, sempre.

Outras recomendações para os repórteres.

1) ISENÇÃO. O repórter deve ser isento. Ele tem de passar a informação sem opinar. Se o assunto é controvertido, o repórter deve ouvir os vários lados envolvidos. Só assim terá condições para construir uma matéria equilibrada, completa. A conclusão deve ser do lelespectador, depois de ouvir as diversas posições sobre o assunto. Exemplo: se o repórter vai cobrir a queixa de moradores de que uma indústria está poluindo um rio, deve ouvir não só os moradores, mas também os donos da indústria e as autoridades locais.

2) INFORMAÇÃO. O repórter precisa ser muito bem informado. Além de ler os jornais do dia, deve ler suas próprias fontes. Um bom caderninho de telefones é instrumento de trabalho dos melhores repórteres em todo o mundo. Na hora de sair para fazer matéria, algumas providências que ajudam a saber mais sobre o assunto da cobertura:

- Pedir pesquisa ao Centro de Documentação, o repórter deve sempre arranjar um tempinho, para ler uma pesquisa, mesmo a caminho do acontecimento. Isso pode ajudar muito.
- Telefonar para especialistas, pedindo explicações sobre o assunto e, no caso de conferências, sobre as posições que serão discutidas.
- Na cobertura de seminários, congressos e simpósios, o ideal é que, além das informações prévias, o repórter assista a todas as palestras para depois fazer entrevistas e armar a reportagem.

3) COLETIVAS. Muitos entrevistados costumam gravar

respostas especialmente para a TV. O ideal é que a matéria pra TV seja gravada antes e o equipamento liberado pra fazer outra matéria. Isto não libera o repórter de televisão de participar de toda a entrevista, ao lado dos profissionais de rádio e jornal. Mesmo sem equipe, ele pode passar para a Redação, como notícia, alguma informação importante que surja durante a coletiva.

4) MULTIDÃO. Calcular a multidão presente a uma festa, uma passeata ou outro grande evento é muito difícil. A melhor solução é apurar o número com os órgãos de segurança e os patrocinadores do acontecimento. É importante, também, saber quais os números apurados pelos concorrentes. Nos casos de greve, quando for preciso dar a porcentagem do pessoal parado, devemos conseguir o cálculo dos grevistas e das autoridades e dar os dois números, citando as fontes.

5) DETALHES. O repórter precisa ter o máximo de informação sobre o assunto que cobriu. A matéria deve responder a todas as perguntas razoáveis que possam ocorrer ao telespectador. Mas os detalhes desnecessários devem ser contados. É importante lembrar que na televisão a imagem também passa informação. Assim, não sobre-carregue o texto e lembre-se que as palavras devem valorizar as imagens, nunca brigar com elas

6) SUITE. Toda suite deve incluir um retrospecto do assunto, tão extenso que todas as pessoas entendam a matéria do dia e tão sucinto que não aborreça o telespectador que está por dentro do as-

sunto. O resumo pode ser feito pelo próprio repórter ou pelo editor e lido pelo apresentador antes de chamar a matéria do dia. A decisão, tomada caso a caso, será resultado de uma conversa entre o editor e o repórter

#### 7) NOMES E

NUMEROS: Tenha muito cuidado ao escrever nomes, prônimos e números. Confira sempre que possível Peça ao entrevistado para soletrar, cheque nomes no catálogo de telefones, refaça as contas e verifique se não há absurdos na grandeza dos números, porcentagens, quantias. Quando se fala de quebra de safra, por exemplo, é preciso dar a porcentagem do que significa a quantidade perdida para a produção total do país. Caso contrário, o número ficará superavaliado.

8) PERGUNTAS: O repórter de TV, ao contrário do de jornal, precisa ter sempre em mente que a pergunta dele faz parte da matéria, vai pro ar na maioria das vezes. Assim, a pergunta precisa ser curta, direta, clara, firme sem ser agressiva. Um cuidado a tomar: evitar as perguntas óbvias do tipo "Como você se sente em tal situação?". É preciso estar sempre atento para fazer a pergunta seguinte quando o entrevistado estiver terminando uma resposta. A informação não pode ficar incompleta. É preciso estar ligado também para que o entrevistado não fale demais, não fuja do assunto. Se o entrevistado se alongar ou sair do tema, o repórter deve voltar ao assunto ou entrar com outra pergunta no primeiro ponto que o entrevistado fizer. Um recurso para se conseguir respostas curtas é conversar

com o entrevistado antes, escolher as respostas que valem notícia e pedir que ele diga o essencial em três ou quatro frases curtas. Como a maioria das pessoas não tem uma medida exata do tempo, fica mais fácil pensar em frases do que em minutos e segundos.

- 9) PRONÚNCIA: Repórteres e apresentadores devem ter uniformidade na pronúncia de nomes. No caso de nomes estrangeiros, a indicação deve partir da pronúncia do país de origem, com exceção de nomes com uso já consagrado no Brasil. Ex.: Altolá Komeini. Em nomes ainda desconhecidos, o repórter deve consultar o entrevistado sobre a pronúncia correta e informar ao editor, na redação, que se encarregará de passar a indicação para toda a equipe. Esta regra vale — e muito — para os correspondentes no estrangeiro.

- 10) POSTURA: O importante, numa reportagem, é o fato, a notícia. O repórter é uma testemunha que viu, ouviu pessoas que viram e vai contar ao telespectador. A postura dele, então, deve ser a de quem está ali para fazer a informação chegar da melhor maneira ao público. Isto quer dizer que o repórter não pode nunca querer aparecer mais do que a notícia. A presença dele na reportagem deve ser a mais natural possível, mas deve, também, ser valorizada. É importante que o repórter não fique distante do fato, da ação. Ele nunca deve fazer a abertura, a passagem ou o encerramento simplesmente porque "precisa" aparecer na reportagem. E, numa entrevista, não deve balançar a cabeça, afirmativamente, como boi de presépio, enquanto o entrevistado

fala. A impressão que dá é que o repórter está aprovando o que diz o entrevistado. De preferência, a matéria deve começar em *off*. O corte direto do apresentador para as imagens do acontecimento melhora muito o ritmo do telejornal. A passagem, no meio da matéria, só é necessária se o repórter acrescentar alguma coisa à reportagem com a sua presença. O mesmo acontece no encerramento. Muitas vezes, o repórter faz o final da matéria com o personagem central de carro, atrás dele. E muitas vezes, ali parado, com a pessoa-notícia ao fundo, ele perde uma boa chance de fazer uma pergunta no único momento em que o personagem central da história estaria mais acessível ao nosso microfone

#### 11) QUESTÕES DE ÉTICA

A Central Globo de Jornalismo não noticia

- a) nomes e imagens de menores envolvidos em atos criminosos ou vítimas de crime infamante.
- b) a maioria dos casos de suicídio ou tentativa de suicídio.
- c) informações que ajudam a criar imagem simpática ou romântica para criminosos e seus crimes.
- d) qualquer informação que permita que uma pessoa inocente seja tomada como criminoso; sempre que alguém é acusado mas não foi julgado e condenado, é preciso dizer que é *acusado de*.
- e) endereços e outras indicações que ajudem a localizar testemunhas de crimes e que possam expô-las a vitimizações.
- f) detalhes de crimes que possam constranger ou prejudicar moralmente as vítimas.
- g) em casos especiais — como seqüestros ainda não resolvidos — informações que as autoridades considerem prejudiciais à segurança das pessoas ou à elucidação de



crimes  
h) imagens de cadáveres, tomadas de perto, mesmo em grandes tragédias, evitamos dar imagens fechadas de mortos e corpos mutilados;  
i) cenas de extrema violência — tipo fuzilamento, enforcamento etc.;  
j) imagens de ratos, baratas, moscas — coisas que podem causar repugnância; devemos lembrar sempre que dois dos nossos telejornais (o JH e o JN) são exibidos no horário de rejeição

**IMPORTANTE.** Em todos esses itens, a decisão de não divulgar e da Chefia, nunca do repórter. O repórter e o cinegrafista não devem tomar a iniciativa de fazer autocensura na coleta de imagens e informações ou na redação da matéria.

# MEDIDAS PARA FACILITAR A EDIÇÃO

A edição correta é a que conta a história no tempo certo. O tempo certo de cada assunto depende da importância jornalística e da força das imagens. O ritmo, o estilo de cada telejornal também é um fator de peso na determinação do tempo da reportagem.

Sempre começa o texto com uma novidade, com o que houver de mais atraente. Só depois diga quem decidiu, quem decretou. Procure tirar o caráter oficial da notícia.

O *lead* na televisão tem duas funções: atrair a atenção e demorar o tempo suficiente para que o telespectador prepare o espírito para o fato. Nunca dê uma informação importante logo no início da notícia. O telespectador pode estar distraído. Um problema técnico pode cortar o início da frase. Por exemplo: "Dez mil pessoas ficaram desabrigadas..." Se por qualquer motivo o número for cortado, a notícia fica enfraquecida.

Na hora de cortar uma entrevista, uma fala, você também pode tomar um limite como orientação: quando o entrevistado fala mais de trinta segundos, desconfie. Ouça de novo tantas vezes quantas você precisar para descobrir o que está sobrando. Raramente você não terá o que cor-

tar. E não adianta usar imagens para cobrir a cara do entrevistado se a fala é longa. O importante acaba se perdendo na enxurrada de coisas que diz o entrevistado. Se você souber aproveitar o essencial da entrevista e souber fazer um texto para valorizar o essencial, terá, na certa, uma boa edição. A exceção será determinada pelo grau de emoção e o impacto da entrevista.

Um bom recurso para cortar uma fala é começar mais adiante, em vez de tentar tirar o final. Começando na frente, você resume o que o entrevistado falou antes na introdução da sonora. Ele entrará naturalmente, completando o pensamento.

Desconfie das sonoradas que você tem de ouvir três ou quatro vezes para entender: não esqueça que o telespectador, em casa, na sala nem sempre em silêncio, vai ouvir apenas uma.

Um conselho de muita sensibilidade de um editor americano: "Não escreva sobre idéias ou sobre coisas. Escreva sobre pessoas que tiveram idéias ou fizeram alguma coisa. Faça, sempre que possível, referências a pessoas na notícia. A briga de dois homens é mais importante que a briga de dois exércitos".

Medidas para facilitar a edição:

1. Veja todo o material, anotando as principais imagens e as falas que você vai usar. Na hora de escrever, você não vai esquecer de um detalhe importante.

Normalmente, as imagens sugerem palavras, comparações, frases. Anote tudo isso, que a matéria será enriquecida na hora da redação.

2. Faça um planinho de edição depois de ver o material. Com o tempo, você encontrará a sua própria maneira de fazer o plano. Ele deve ser simples, de preferência por escrito. Por exemplo: a) Cabeça do locutor; b) Fala do ministro; c) Imagem do avião — 20"; d) Sobre som do avião;

e) Passagem do repórter; f) Povo-fala.

Com um plano, fica mais fácil ordenar o pensamento

3. Não diga no texto o que o entrevistado vai falar. Procure, isto sim, despertar no telespectador o interesse pela fala do entrevistado.

4. Um critério para usar a entrevista: se a pessoa é desconhecida, a fala só deve ser selecionada se contiver uma informação importante ou uma boa dose de emoção. Se o entrevistado é um nome-notícia e principalmente se ele aparece pouco, o que ele disser geralmente merece ir ao ar. Pense bem antes de usar mais de uma fala na matéria. Ir e voltar com o entrevistado só quando ele realmente está dizendo coisas muito interessantes. Ex: o sobre-vente de um desastre do avião, embora desconhecido terá, certamente, um depoimento dramático. A Rainha Elizabeth, se fala para o nosso repórter, vale o que ela disser mesmo que não tenha impacto.

Em falas muito importantes — discursos do Presidente, por exemplo — os diversos trechos escolhidos devem ser apresentados, sempre, com a maior clareza. Cada tema deverá ser destacado com um título ou selo, um bom texto de introdução e, na sonora, o ponto mais importante de cada pensamento.

5. O som e a imagem devem ser sempre de boa qualidade.

Se você tiver que aumentar o nível de áudio para ouvir determinada sonora, "estourar" o som para "conseguir um bom sobre-som, alguma coisa está errada e normalmente isso significa que o som foi mal colhido. Você estará apenas ampliando o defeito. Pese bem a importância da notícia. Um som ruim só deve ser usado no caso de um depoimento indispensável. Mas é fundamental antecipar, na voz do apresentador, o que vai dizer o entrevistado. E sempre justificar o áudio ruim destacando o alto valor jornalís-

ção da entrevista. Ex.: gravação de um depoimento de uma testemunha do caso Baumgarten, feita em alto-mar, com barulho do motor do barco, ou até mesmo feita em um lugar sossegado mas com problema técnico.

Ao apresentar um áudio deficiente, além de antecipar o que será dito no texto do apresentador, há a solução da maquinaeta. O editor transcreve a fala para o gerador de caracteres. Assim, ao mesmo tempo que o telespectador estiver ouvindo, ele estará lendo a entrevista, na telinha aparecendo a fala. O uso do gerador de caracteres fica para os seguintes casos: se houver mais de um entrevistado ou se o repórter não apresentar a pessoa que vai falar. Em falas muito longas, o entrevistado deve ser identificado mais de uma vez.

Sempre que mais de uma pessoa deva ser identificada pelo gerador de caracteres, o editor deve mostrar ao operador a quem identificar. Quando os nomes seguem a ordem das falas e há tantos entrevistados quantos créditos, não há problemas. Mas quando há pessoas que devem ser creditadas e outras não, é preciso dar a dica para o operador. Ex.: é o segundo que fala, é a moça de cabelo comprido, é o de barba etc. A dica para identificar o entrevistado deverá ser colocada entre parênteses, ao lado do nome. Se a identificação deve ser feita em imagens que cobrem um texto, o editor coloca o nome para o gerador ao lado da linha de texto onde encerra a imagem e indica com uma seta.

7. As imagens colhidas pelo cinegrafista não são os únicos recursos de informação visual. Mapas, selos, gráficos, desenhos, cartões, caricaturas e a própria valorização da imagem da reportagem com efeitos eletrônicos podem enriquecer um assunto. A editoria de arte é parte integrante da editoria de texto. O bom editor deve aproveitar ao máximo os recursos audiovisuais da televisão.

8. Variar a edição é enriquecer o jornal. Com som e

imagem e um pouco de criatividade, qualquer editor de sensibilidade pode fazer boas edições, uma diferente da outra. Um telejornal é um conjunto de várias reportagens. Se todas estiverem editadas do mesmo jeito, o jornal fica monótono.

9. A presença do repórter na matéria também deve ser variada. Nunca, a não ser em casos excepcionais, o repórter deve aparecer no início da reportagem. A matéria deve começar com som ambiente, ou com um depoimento ou com texto *em off*. A presença do repórter na abertura só se justifica quando ele está participando, como aconteceu com a Glória Maria no dia em que viajou no *looping* que seria inaugurado num parque de diversões. Na rotina, o repórter ou aparece numa passagem ou no encerramento. É preciso cuidado pra não forçar a passagem. É comum a gente ver matérias interrompidas na sua sequência natural só para que o repórter apareça. É bom que os repórteres se lembrem sempre que o que precisa aparecer, e bem, é a notícia. O repórter pode ficar apenas *em off* ou então, se tiver uma informação a acrescentar, aparecer para encerrar a matéria.

10. No texto de chamada das reportagens, o editor deve ter o cuidado de não antecipar o que o repórter vai dizer. É bom ter sempre uma informação diferente para anunciar a reportagem. Esta informação poderá ser separada pelo próprio repórter quando fizer a reportagem. Poucas coisas irritam mais o telespectador do que ouvir a mesma informação no apresentador, no repórter e no entrevistado. É preciso atenção, portanto, para evitar as repetições desnecessárias.

Um dos grandes desafios do telejornalismo é a "irradução" de informações técnicas, a apresentação de pacotes econômicos, a decifração de termos financeiros etc. Tanto o repórter — na hora de colher as informações — como o redator, na hora de escrever o *off*, a cabeça da matéria, devem ser humildes o suficiente para perguntar, re-

perguntar, pesquisar e simplificar. Essas matérias exigem desenhos, imagens, gráficos e, principalmente, exemplos que o telespectador entenda. É preferível sermos tachados de professorais por uma elite de escolarizados a não sermos entendidos por uma massa enorme de telespectadores comuns.

O repórter e o editor devem procurar ser simples, mas criativos. Um dos maiores exemplos de falta de criatividade é o batido "Aqui em São Paulo...", "Em Curitiba...", "A localização é importante, fundamental, mas não precisa ser repetida, sempre, da mesma maneira."

# COMO BATER A PÁGINA EMARCAR O SCRIPT

Toda a operação para pôr no ar um telejornal tem como guia o *script*. É nele que estão todas as informações necessárias à equipe envolvida na exibição do programa.

As informações do *script* devem ser divididas assim

a) Do lado esquerdo ficam as informações de vídeo: se a ilustração é um *slide*, quadro parado (QP), selo, filme, VT etc. Quadros parados, selos e outros tipos de ilustração precisam ser antecidos da forma de exibição. Exemplo: VT Selo Guerra Líbano, Filme OP-Figueiredo. Subentende-se por VT toda forma de exibição de material eletrônico (por ACR DIG e VT propriamente dito). Vão do lado esquerdo também as indicações para o gerador de caracteres

b) Na coluna do meio, o nome do apresentador e se ele deve estar ao vivo (V), em cromaquir (CK) ou em *off* (O)

c) No lado direito, ficam as informações de áudio: o texto que o locutor vai ler, as marcações das matérias com som, as deixas para a narração em off, as deixas finais das matérias

Atenção: tudo o que estiver sublinhado do lado esquerdo se destina ao gerador de caracteres. Portanto não sublinhe nada do lado esquerdo que não seja para gerador. Tudo o que estiver sublinhado do lado direito é para não ser lido pelo locutor: exceto as palavras sublinhadas no meio do texto, que são para o locutor dar maior ênfase na leitura. Portanto sublinhe todas as deixas de áudio.

Na hora de escrever a página, siga as seguintes normas:

1. Escreva sempre à máquina. Se errar, bata de novo. O ideal é que não haja nenhuma correção. Mas, se for preciso mudar e não houver tempo de rebater, faça a correção em letra de imprensa e nunca manuscrita.
2. Use espaço triplo, sempre letra maiúscula.
3. Nunca divida palavra de uma linha para outra.
4. Nunca divida frase quando mudar de página. É preferível deixar um espaço maior no pé da folha a dividir uma frase entre duas páginas.
5. Escreva uma notícia em cada página.
6. Identifique sua matéria no alto da página. Se houver necessidade de mais de uma página para a matéria, escreva de novo o nome, o assunto e número. Exemplo: Tucuruí-2.
7. Não faça correção como em jornal: HQEUV
8. A pontuação deve ser diferente da pontuação de jornal e de revista. Ela deve orientar a leitura do locutor: parênteses, travessão, reticências são usados para o ritmo da leitura. Uma das coisas que mais atrapalham os apresentadores é a leitura dos nomes complicados e desconhecidos. Escreva a mão, em cima da palavra, entre parênteses, a pronúncia correta.
9. Sublinhe as palavras do texto em que você quiser maior ênfase do locutor. Cuidado para não sublinhar uma li-

nha inteira imediatamente anterior a um sobre-som, porque pode parecer erradamente ao apresentador que é uma indicação para a mesa de corte.

10. Na televisão, quando se quer fazer uma citação literal, é preciso escrever para o locutor: ABRE ASPAS Quando terminar o texto, ele também deve dizer: FECHA ASPAS.

Veja os exemplos de script correto nas páginas seguintes.





c) *Nome do entrevistado*: é melhor dizer na cabeça quem vai falar. O uso do gerador fica para os seguintes casos: se houver mais de um entrevistado e se o repórter não apresentar o entrevistado. Em entrevistas muito longas, o entrevistado deve ser identificado mais de uma vez pelo gerador.

d) *Colocação da identificação*: o editor precisa identificar a pessoa em quem o operador deve bolar o crédito. Quando os nomes seguem a ordem das falas e há tantos entrevistados quantos são os créditos, não há problema. Mas, quando algumas pessoas devam ser creditadas e outras não, é preciso dar a dica para o operador. Exemplos: é o segundo que fala, é o de barba, é a moça de cabelo comprido etc. A dica para identificar o entrevistado deve ser escrita entre parênteses, ao lado do nome. Se a identificação deve ser feita em imagens que cobrem um texto, o editor coloca o nome para gerador ao lado da linha de texto onde entrará a imagem e indica com uma seta.

e) *Local da reportagem*: se for dito na cabeça, não precisa entrar durante a reportagem. Exceção: quando a imagem for via satélite.

f) *Gráficos, números e citações*: o editor não deve esquecer que nada pode ser escrito em maquinaeta que não seja dito pelo locutor ou pelo repórter. O texto tem de corresponder ao que for escrito em gerador. Quando uma fala de entrevistado estiver com o áudio deficiente ou precisar ser destacada, pode-se reproduzi-la em maquinaeta. Mas a transcrição tem de ser literal.

## O NOME DO ENTREVISTADO

Todas as pessoas que aparecerem no vídeo, falando, devem ser identificadas em gerador de caracteres.

Excetuam-se três casos:

1. Quando o locutor ou repórter anunciar de viva voz quem vai falar. E, sempre que possível, é melhor fazer isso.

2. Quando a pessoa que fala é tão notoriamente conhecida que se dispensa a identificação. Exemplo: o Papa, o presidente da República, Pele.

3. Quando se trata de entrevistas de rua com pessoas anônimas (aquilo que, no jargão de TV, se chama um "Po-vo-Fala").

A identificação compreende duas partes: na linha de cima, o nome pelo qual é conhecido o entrevistado, na linha de baixo, a função, cargo ou profissão dele.

O nome da pessoa vai em caixa-alta, todas as letras são maiúsculas. Deve-se ter em conta que o tipo de letras usado no jornalismo da Rede Globo comporta, no gerador, 27 caracteres maiúsculos no máximo, por linha.

A função, cargo ou profissão da pessoa vai em caixa-alta e caixa-baixa. Explicando melhor: a letra inicial de cada palavra vai em maiúscula e as letras seguintes são minúsculas. O tipo de letra usado é o mesmo: letra menor, programação nova. Mas, como as letras vão em caixa-alta e caixa-baixa, há espaço na linha para 30 caracteres.

No *script*, todas as palavras que vão ser escritas em gerador de caracteres devem ser sublinhadas, no lado esquerdo da página. Quando se trata de cargo, função ou título em que há letras maiúsculas e minúsculas, o editor deve ter um cuidado a mais, já que nossas máquinas de escrever são todas em caixa-alta: o cuidado de fazer um traço na mão com a caneta, embaixo de cada letra inicial que deva ser maiúscula, para que o operador do gerador de caracteres não se engane. E atenção: é preciso respeitar a acentuação das palavras, conforme a ortografia oficial.

## NOMES ABBREVIADOS

Se o nome completo do entrevistado tiver mais de 27 letras, um ou alguns dos prenomes ou sobrenomes devem ser substituídos por iniciais. No caso de personalidade estrangeira, não há problema. A regra, na maioria dos países, é



elementar vale o primeiro prenome e o último sobrenome. Mas, quando se trata de espanhóis ou latino-americanos de língua espanhola, convém saber que o sobrenome importante é o penúltimo, o paterno. O último sobrenome, nesses países, geralmente é o da mãe; este sim, nos países de língua espanhola, costuma ser substituído pela inicial.

No Brasil, a coisa se complica. Algumas pessoas são conhecidas só pelos sobrenomes. Exemplo: Alencar Furtado, Deputado Federal. Outras só pelos prenomes. Exemplo: Pedro Fogério, Repórter. E aquelas que são conhecidas por um prenome e um sobrenome nem sempre usam, para se identificar, o primeiro prenome e o último sobrenome. Exemplo: Ronan Soares, Editor (em vez de Ronan Soares Ferreira). Marcos Tamoio, ex-Prefeito (em vez de Marcos Tilo Tamoio da Silva). Por isso é preciso que o repórter e/ou editor aduerm com precisão qual é o nome civil usado pelo entrevistado, para que se evitem mal-entendidos como por exemplo: Gen Garrasilazu Médico (em vez de Gen Emílio Médico).

#### A ORTOGRAFIA DOS NOMES

Os nomes e sobrenomes de origem portuguesa ou indígena devem ser escritos na ortografia oficial, ainda que essas pessoas tenham sido registradas na ortografia antiga. Por exemplo: Manuel Luis d'Assunção Itamarati e não Manoel Luiz d'Assumpção Itamaraty. Excetuam-se os nomes dos repórteres e cinegrafistas, quando assinarem suas matérias. Por exemplo: Reportagem de Thereza Christina Sena; Imagens de Alpheu Novaes. Respeitam-se também, em sua quer circunstância, a grafia dos sobrenomes estrangeiros. Exemplo: Luis Wilson Franklin.

#### CARGOS E PROFISSÕES

Quanto a segunda parte de identificação — o cargo, função ou profissão do entrevistado —, a norma e não abre-

viar, desde que as palavras tenham menos de 30 letras. Nos outros casos, a abreviação só se deve usar quando importar em economia real de caracteres. Não tem sentido, por exemplo, usar *Chef*, em vez de *Chefe*.

Para os militares, a abreviatura da patente vai junto com o nome e antes do nome. E não na linha de baixo. A exceção vale também para os médicos: a abreviatura de doutor — *Dr* — vai antes do nome. E, na linha de baixo, põe-se a profissão médico. Lembre-se que, segundo nossas regras, só os médicos merecem o tratamento de doutor.

Os parlamentares levam, igualmente, a abreviatura de senador (*Sen*) ou deputado (*Dep*) antes do nome. E, na linha de baixo, deve-se indicar, obrigatoriamente, o partido e o Estado ou Território em que o parlamentar foi eleito. Bastam as iniciais do partido e a abreviatura do Estado, unidas por um hífen.

Exemplo:

DEP ALENCAR FURTADO  
PMDB-PR

#### REGRAS PARA ABREVIAR

O uso e a tradição indicam algumas regras para abreviar as palavras:

1. Substituem-se as letras finais por um ponto à partir da segunda consoante da palavra. Exemplo: *Dir* (Diretor), *Min* (Ministro).
2. Quando a palavra começar por vogal, o ponto vai depois da segunda consoante. Exemplo: *Acad* (Acadêmico), *Edic* (Educação), *Org* (Organização).
3. Quando a palavra começar por grupo consonântico (duas ou três consoantes juntas), o ponto vai depois da consoante da sílaba seguinte. Exemplo: *Pres* (Presidente), *Prof* (Professor).

4. Quando houver um grupo consonantal na primeira ou segunda sílaba, o ponto vai depois da última consoante do grupo. Exemplos: *Hosp.* (Hospital), *Fund.* (Fundação), *Imigr.* (Imigração), *Insp.* (Inspetor).

5. Quando a abreviatura der margem a confusão ou não-identificação imediata da palavra, pode-se acrescentar mais uma sílaba. Exemplo: *Matern.* (Maternidade) em vez de *Mat.* *Intern.* (Internacional) em vez de *Int.*

6. Exceltuam-se a estas regras os casos consagrados pelo uso. Por exemplo, as abreviaturas de uma letra só: os quatro pontos cardeais (N. de Norte, S. de Sul), as unidades de pesos e medidas (*m* de metro, *kg* de quilo), casos esses em que não se usa o ponto nem o *s* de plural; as unidades da Federação (CE de Ceará, MS de Mato Grosso do Sul) e determinadas fórmulas tradicionais (como *Ltda.* de Limitada, *P. de cárgina.* *Cia.* de Companhia, *S. de Santo.* Santa ou São)

7. Não se abreviam os nomes geográficos. Por exemplo São Roque (nunca *S. Roque*), Porto Alegre (em vez de *P. Alegre*)

8. Quando a palavra abreviada for composta e tiver hífen, o hífen se mantém na abreviatura. Exemplo: *Ten.-Cel.* (Tenente-coronel), *V.-Alm.* (vice-almirante).

Todas estas formas podem ser resumidas numa só: podendo não abreviar, não abrevie.

### AS ABBREVIATURAS MILITARES

No caso das patentes militares, usam-se as abreviaturas oficializadas no Exército, na Marinha e na FAB, com algumas exceções:

1. Para todos os generais, sejam de Brigada, de Divisão ou de Exército, a abreviatura é *Gen.*
2. Tanto o almirante como o almirante-de-Esquadra têm a abreviatura *Alm.* E não *Alte.* como se usa na Marinha.
3. Os primeiros e segundos-tenentes recebem, ambos, a abreviatura *Ten.*

4. A abreviatura de primeiro, segundo e terceiro-sargento é *Sgt.* apenas.

5. Não se abreviam na Marinha as palavras capitão-de-Mar-e-Guerra, capitão-de-Fragata, capitão-de-Corvela e guarda-marinha, porque as abreviaturas oficiais (respectivamente CMG, CF, CC e GM) não são claras. Esses nomes vão por extenso, excepcionalmente na linha de baixo

6. Não se abreviam as palavras *soldado* e *cabo*

7. Na Aeronáutica, todos os brigadeiros (tenente-brigadeiro, major-brigadeiro e brigadeiro) recebem a abreviatura *Brig.*

8. O capitão-tenente da Marinha recebe a abreviatura *Cap.-Ten.* em vez de *CT.*

As outras abreviaturas são as seguintes

Coronel: *Cel.*

Tenente-Coronel: *Ten.-Cel.*

Major: *Major.*

Capitão: *Cap.*

Subtenente: *Subten.*

Aspirante: *Asp.*

Vice-Almirante: *V.-Alm.*

Contrá-Almirante: *C.-Alm.*

Atenção de novo: o melhor é não abreviar a patente e escrevê-la por extenso.

### CRÉDITOS DE REPÓRTER

No Jornal Nacional, o repórter pode assinar a matéria de duas maneiras:

1. Quando aparece falando, ao vivo, na reportagem, o nome dele vai em letras maiúsculas no gerador de caracteres e, na linha de baixo, vai a sigla JN com o nome da cidade em que ele estiver falando. Por exemplo:

HÉLIO COSTA

JN Los Angeles

ou então:

ÁLVARO PEREIRA  
JIN Rio de Janeiro

Atenção: a sigla JIN vai com o nome da cidade ou município e não com o do Estado. Se o município for pouco conhecido, junta-se a abreviatura da unidade da Federação. Exemplo:

PAULO ALCEU  
JIN Cachoeiras de Macacu, RJ

2. No Fantástico e nos outros telejornais — o Hoje, o Jornal da Globo, o Bom Dia Brasil, o Globo Esporte e os jornais locais — escreve-se o nome do repórter com a palavra *REPORTER* na linha de baixo. Por exemplo:

HÉLIO COSTA  
Repórter

### IMAGENS VIA SATÉLITE

No caso das matérias recebidas via satélite, a expressão *VIA SATÉLITE*, no Jornal Nacional, vai separadamente.

Tanto no JIN como nos outros telejornais, a expressão *VIA SATÉLITE* em maquinaeta só deve ser usada quando a imagem, vinda em satélite, for do mesmo dia em que o programa vai ao ar. Se a imagem for de outro dia, ponha o nome da cidade e data. Por exemplo:

BUENOS AIRES  
Ontem

ou então:

LISBOA  
10.11.83

Se a imagem for de dia indeterminado ou relativamente antiga, escreva o nome da cidade, seguido da expressão *Imagens de Arquivo*. Por exemplo:

LOS ANGELES  
*Imagens de Arquivo*

De qualquer maneira, a expressão *VIA SATÉLITE* vai sempre com o nome da cidade em que foi feita a imagem e não com o nome do país. Deve-se acrescentar o nome do país ao nome da cidade toda vez que se tratar de um lugar pouco conhecido.

### CRÉDITOS PARA IMAGENS

A regra é não creditar imagens. O único crédito de equipe que pode e deve ser dado, em gerador de caracteres, é o do repórter, quando ele aparece ou narra a matéria. Créditos para cinegrafistas não são permitidos. A exceção é para as imagens excepcionais. A recomendação vale também para as imagens das estações afiliadas da Rede Globo. Quer dizer, credita-se a TV afiliada quando as imagens da matéria forem excepcionais. Também nesses casos, a autoria das imagens deve ser anunciada, de preferência, pelo locutor, na cabeça ou no texto em *off*.

# ALGUMAS RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS

Algumas recomendações práticas para a elaboração dos textos de repórteres e editores:

## ADJETIVOS

Nunca use um adjetivo simplesmente para embelezar a frase. Adjetivos, só os que completam a informação. É válido, por exemplo, para destacar a altura de uma personalidade "O baixinho Teng Hsiao-Ping".

## ARTIGO

O antigo telejornalismo herdou do rádio, que por sua vez tinha erradamente copiado do jornal, a mania de não usar os artigos definidos O, A, OS, AS, no início das notícias. Por exemplo: "Argentina ameaça Chile". Acontece que o jornal no Brasil (aliás por influência do jornalismo de língua inglesa) só suprime os artigos nos títulos e manchetes para economizar letras e assim usar tipos gráficos maiores. Na televisão, o artigo é indispensável. Notícia de televisão é linguagem falada, é conversa. E, na conversa ninguém fala em linguagem telegráfica, suprimindo arti-

gos. E, convenhamos, um artigo a mais não chega a provocar estouro no tempo do jornal.

## ASSASSINO

Em princípio não chame ninguém de assassino, antes que essa pessoa tenha sido julgada e condenada. Diga: acusado de matar fulano. Exceção para os casos em que a autoria do crime foi pública e notória.

## CARGOS E TÍTULOS

Dê o título ou diga o que a pessoa faz antes de dar o nome. Nunca o contrário (o nome e depois o cargo). E para facilitar a compreensão do nome. Por exemplo: "O Presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki" e não "Shigeaki Ueki, Presidente da Petrobrás". É claro que pessoas realmente populares e já consagradas dispensam qualificação. Exemplo: "Zico viajou", "Sônia Braga vai se casar de novo".

## CITAÇÕES

As citações devem ser anunciadas. Por exemplo: "O historiador Arnold Toynbee surpreendeu, hoje, os amigos, com esta declaração: "Nunca na vida provei uma pilada de açúcar". Jamais escreva: "Nunca na vida provei uma pilada de açúcar", contou hoje aos amigos o historiador Arnold Toynbee. Em linguagem de televisão é proibido o *lead* de citação, muito usado na imprensa, porque em certos casos, pode parecer que a frase citada é do repórter ou do apresentador, em vez de ficar imediatamente claro que se trata de uma citação. Se for longa a fala, lembre, no meio de quem é o pensamento: "Disse", "Reatirmou", "Destacou", "Concluiu" etc.

## CONTINUA

*Continua* (3ª pessoa do singular do indicativo presente do verbo continuar) é uma palavra proibida para começar uma notícia. Tudo o que continua já não tem im-

pacio. Dê o que houver de novo no dia se você tiver de voltar ao assunto.

### DELEGACIAS

Nunca designe uma delegacia de polícia pelo número do Distrito Policial, mas sim pelo nome do bairro, ou pelo nome da rua e o nome do bairro, se houver mais de uma delegacia no mesmo bairro. Esta regra vale, inclusive, para os telejornais locais.

### DEPUTADOS E SENADORES

Diga sempre, depois do nome do deputado ou senador, o nome do partido e o do Estado que ele representa. Exemplo: "O deputado João da Silva, do PMDB do Acre, o senador José de Oliveira, do PDS de Pernambuco".

### DOM

A palavra *DOM*, para designar reis, bispos da Igreja Católica e monges beneditinos, se usa com o nome completo ou só com o prenome, nunca com o sobrenome. Por exemplo: Dom Paulo ou Dom Paulo Evaristo ou Dom Paulo Evaristo Arns. Nunca Dom Arns. A mesma regra se aplica ao título nobiliárquico inglês *SIR*. Já a palavra *CARDEAL* é usada tradicionalmente com o sobrenome. Por exemplo: Dom Eugênio. Cardeal Sales.

### DOUTOR

Só use a expressão *doutor* para designar alguém, no texto ou numa entrevista, quando se tratar de um médico. Exemplo: um delegado de polícia, que é formado em Direito, jamais deve ser tratado como *doutor*, mas como *delegado*.

### ESPOSO, ESPOSA

Em caso algum se deve dizer *esposo*, *esposa* ou *senhora* para designar relação conjugal. O coloquial é dizer simplesmente o *marido*, a *mulher*.

### ESTE E ESSE

Não confunda o demonstrativo *este* com o demonstrativo *esse*. Este é o que está próximo. Esse, o distante. Isto é fundamental num veículo demonstrativo como a televisão.

### FORMA VERBAL REFLEXIVA

Se o verbo é transitivo direto, ele exige sempre objeto direto. Um erro frequente nos nossos repórteres é desprezar a forma reflexiva dos verbos pronominais que exprimem ação praticada e recebida pelo próprio sujeito. Ex: José se feriu, a palatorma se inclinou para a direita, Pedro se suicidou.

### FUTURO DO INDICATIVO

Na linguagem falada, a gente pode usar o presente do indicativo ou o futuro composto em lugar do futuro do indicativo. É melhor dizer "O Presidente viaja amanhã", do que dizer: "O Presidente viajará amanhã". Ou então: O Governador vai dizer, na semana que vem, se é candidato; em vez de: "O Governador dirá, na semana que vem, se é candidato".

### GERÚNDIO

Jamais comece uma frase com gerúndio. Por exemplo: "Interrrompendo uma trégua que já durava três dias, os palestinos e os israelenses voltaram hoje a combater em Beirute". Diga "Os palestinos e os israelenses voltaram a combater hoje em Beirute, interrompendo uma trégua que já durava três dias". Notícia de televisão é língua falada. Portanto, exige ordem direta. Numa conversa, se começa a frase com a oração principal, jamais com uma coordenada e, muito raramente, com uma subordinada.

### GÍRIA

As palavras e expressões de gíria, embora tenham o sabor de coloquial, devem ser evitadas porque vulgarizam.

demais a linguagem.

### **HORA**

No coloquial, nunca se diz: "Vou à sua casa às 17 horas". A gente fala: "Vou à sua casa às cinco da tarde". Portanto use cinco horas da tarde, três horas da madrugada, oito da noite. Nunca, dezesseite horas, vinte horas etc.

Também nunca escreva que "o Jornal Nacional começa cinco para as oito" ou que "o Jornal Nacional começa aos cinco para as oito". O correto é "o Jornal Nacional começa às cinco para as oito". Ainda que não pareça lógico, o espírito da língua manda que se diga assim.

### **LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Todas as falas e entrevistas em língua estrangeira — mesmo que sejam em italiano ou espanhol e pareçam claras — devem ser traduzidas pelo apresentador no *script* ou pelo repórter. Pode-se usar a tradução em maquinaeta, quando se tratar de frases curtas.

### **MEDIDAS DE SUPERFÍCIE**

Toda vez que você for dar, numa notícia ou num texto de pesquisa, a extensão territorial de um país estrangeiro, em quilômetros quadrados, nunca deixe de comparar com a extensão territorial de um Estado brasileiro.

### **MOEDAS E VELOCIDADES**

Não deixe de converter para cruzeiros as informações de moedas estrangeiras. Ex.: "A Alemanha vai emprestar ao Brasil um bilhão de marcos, o equivalente a tantos bilhões de cruzeiros". Em certos casos, quando a unidade internacional de um índice econômico é o dólar, admite-se dar o valor em dólares. Ex.: "A renda per capita da Bolívia é de 120 dólares". "O PNB dos Estados Unidos é de um trilhão de dólares".

Também não deixe de converter medidas de percurs-

so (milha), de velocidade (nó) e medidas de peso (onça) etc.

### **MULETAS DE ESTILO**

O *POIS*, comum na linguagem escrita, é pretensioso na linguagem falada. Se a relação causal for necessária use o *PORQUE*, nunca o *POIS*. O *MAS* também só deve ser usado quando a adversativa for indispensável. *EMBORA* e outra palavra que deve ser rara nos textos. E, por falar em muletas de estilo, jamais use *enquanto isso*, *nessa interme* coisa dessa linha. Lembre-se que a imagem é decisiva na mudança de assuntos; isto é: não é só com o texto que você muda de assunto na televisão.

### **NOMES DE LUGARES**

Toda vez que você mencionar uma cidade brasileira diga também o nome do Estado. A regra vale, inclusive para as capitais dos Estados menos conhecidos. Quando se tratar de um distrito, deve-se dizer também o nome do município. Por exemplo: o distrito de Tanguá, no município de Itaboraí, no Estado do Rio. No caso de cidades estrangeiras, nunca deixe de dizer o nome do país. O bom senso manda excetuar as cidades indiscutivelmente conhecidas.

Um conselho para os repórteres: evite, na medida do possível, a expressão *aqui*, referindo-se a uma cidade e não a uma rua ou prédio. Por exemplo: *Aqui, em São Paulo*. Nos casos de notas cobertas, em telejornais de rede que sejam gerados no Rio, fica terminantemente proibido usar a expressão *Aqui no Rio*, na boca do apresentador.

### **NOMES PRÓPRIOS**

Os nomes próprios, em gerador de caracteres, devem ser escritos na ortografia oficial da língua portuguesa. Exemplo: João Batista Figueiredo e não João Baptista Figueiredo; Delfim Neto e não Delfim Netto.

Os nomes de pessoas da cidade e do país são importantes. Nomes estrangeiros, se não são conhecidos ou são indispensáveis, devem ser evitados, pouca gente os conhece ou se lembraria deles depois. É melhor usar o título ou o cargo em vez do nome. A mesma regra funciona para obscuras cidades do exterior. É melhor localizá-las em relação a alguma cidade mais conhecida.

## NÚMEROS

Não use números só por usar. Se os números dizem pouco para você, dirão menos ainda para o telespectador. E procure relacionar, sempre, o número, a quantia, com o dia-a-dia das pessoas.

Os números devem ser escritos por extenso nos textos em *off*. Facilita a contagem do tempo na edição. Nos textos ao vivo, podem ser usados algarismos, mas de modo a ajudar a leitura. Por exemplo: 15 bilhões, 196 mil, 243 cruzeiros. Já os algarismos romanos, porcentagens e frações decimais devem ser escritos por extenso: João Paulo Segundo, dois terços, 25 por cento. Outro detalhe importante no capítulo dos números: use números redondos. Por exemplo: no prêmio da Loteria Esportiva se deve arredondar para mais ou para menos, em milhões de cruzeiros

## PERSONALIDADES

Evite o tratamento íntimo com personalidades: Figuereido fez isto, Reagan falou aquilo. Diga: "O Presidente Figuereido fez isto, o Presidente Reagan falou aquilo". Também o excesso de cerimônia no tratamento não é válido. Nada de "o Senhor Presidente da República, General João Batista Figuereido". Basta dizer: "O Presidente Figuereido". Mesmo que o entrevistado seja amigo íntimo do repórter, ele deve ser apresentado pelo título e tratado de senhor ou senhora.

## POSSESSIVOS

Elimine, tanto quanto for conveniente, o emprego do possessivo *SEU, SUA* e adote o pronome *DELE, DELA*. Exemplo: "Na Polícia, o motorista provou que o carro era dele". E não: "que o carro era seu". Há casos, porém, em que a troca não funciona: "O poeta foi morto na casa dele". Muito mais simples dizer: "O poeta foi morto em sua própria casa". Ou apenas: "O poeta foi morto em casa". No uso do possessivo, o repórter ou editor deverá recorrer sempre ao ouvido, ou seja: antes de escrever, deve dizer a frase em voz alta pra ver se escolheu a melhor solução.

## PRONOMES PESSOAIS

Existe perigo de confusão no uso indiscriminado dos pronomes pessoais. Só escreva *ELE, ELA, ELES* quando o telespectador puder ter certeza de quem se trata. Nem sempre o telespectador guarda de primeira de quem se está falando. E como ele não pode voltar atrás, como acontece no jornal escrito, fica difícil, muitas vezes, identificar a pessoa representada pelo prenome. Portanto, repita o cargo ou mesmo o nome, toda vez que possa haver dúvida. E atenção para o emprego de pronomes pessoais como objeto direto — por exemplo: "A mulher deixou ele sozinho com os filhos" — um erro muito freqüente na linguagem comum, mas imperdoável na TV.

## REFRESCANDO A MEMÓRIA

Cada notícia deve ser completa em si mesma. Nunca imagine que o telespectador já conhece os antecedentes do fato, nem mesmo quando o assunto já tenha estado na ordem do dia durante semanas. É preciso sempre situar o telespectador. Todos os termos da notícia devem ser bem definidos. Nas sútes, mesmo nas do dia anterior, é indispensável rememorar o fato, em poucas palavras, para que o telespectador não fique tonto e não acabe perdendo a informação principal.

## RENÚNCIA

Só se usa o verbo *RENUNCIAR* nos casos em que alguém *RENUNCIA* a um mandato ou cargo eletivo. Nos demais casos, deve-se dizer que o fulano se demitiu ou pediu demissão. Por exemplo: "O Secretário de Estado Halig pediu demissão." "O Presidente Jânio Quadros renunciou." Quando se trata de um rei, convém dizer que ele abdicou.

## REPETIÇÃO DE PALAVRAS

Não tenha medo de repetir palavra, repetir nome de lugar, nome de reparação, de pessoa. Repetir palavra não tem problema. E ajuda, geralmente, a chegar ao colóquio, ao espontâneo. Jamais use "naquele órgão"; "a referida pessoa"; e coisas do gênero. Repita, sim, mas repita com bom gosto. Não siga jamais o exemplo daquele repórter esportivo que, um dia, deu a seguinte informação ao microfone da rádio em que trabalhava: — "Com a chuva, o campo do Bonsucesso ficou praticamente impraticável para a prática do futebol."

## SENHOR, SENHORA

Em caso algum, escreva a palavra *SENHOR* ou *SENHORA* como designativo de uma pessoa. Diga o cargo ou a profissão da pessoa e, imediatamente, o nome dela. Exemplo: "O prefeito de Pará de Minas, Marcos da Silva", ou "O deputado Franklin Costa". Ou "O médico José Maria Oliveira". Mas, se você está entrevistando alguém, jamais chame o entrevistado de você, por mais íntimo que você seja do entrevistado. Chame-o invariavelmente de *SENHOR* ou *SENHORA*. A não ser que se trate de uma criança. Ou pessoa muito jovem. Ou um jogador de futebol. Ou um cantor ou ator conhecido. Então, use o você apenas quando o seu bom senso mandar.

## SIGLAS

Só use sigla, quando for muito conhecida. As siglas pouco conhecidas devem ser trocadas em miúdos. Outra

recomendação: se a sílaba for soletrada, escreva se, parando as letras com hífen. Exemplo: I-N-P-S. Se a sigla for pronunciada como uma palavra só, não separe as letras. Exemplo: SUNAB, CONTRAN, DETRAN etc.

## SINGULAR E PLURAL

O singular é muito melhor que o plural para facilitar a leitura. Sempre que possível, use o singular. A chuva, por exemplo. Nunca as chuvas.

## TEMPO

Deixe bem claro, nas notícias, quando aconteceu o fato. Em vez de dizer simplesmente *HOJE* ou *ONTEM* e mais preciso indicar *HOJE DE MANHÃ*, *ESTA MANHÃ* (se a notícia vai ao ar de manhã), *HOJE DE TARDE*, *ESTA TARDE* (se a notícia vai ao ar de tarde), *ESTA NOITE* e *AGORA A NOITE* (no caso dos telejornais da noite). Esse detalhe muitas vezes melhora a compreensão de uma notícia. Um assalto na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio, muda de figura se aconteceu ao meio-dia ou à meia-noite.

Se o telejornal para o qual você escreve vai ao ar de noite, não diga *esta manhã* ou *esta tarde*, referindo-se a manhã ou à tarde do próprio dia. É mais claro dizer *HOJE DE MANHÃ*, *NA MANHÃ DE HOJE* ou *HOJE A TARDE*.

Também não diga *nesta quinta-feira*, referindo-se ao próprio dia, ao dia seguinte ou daí a alguns dias. Diga *HOJE*, *AMANHÃ*, *DEPOIS DE AMANHÃ*, *QUINTA-FEIRA QUE VEM* ou *QUINTA-FEIRA PROXIMA*.

## TÍTULO

Um bom recurso para uma notícia é o título: uma ou duas linhas bem escritas, despertando o interesse do telespectador, enriquecem o texto e despertam a atenção para o fato. O título tem de ser casado com os dizeres do selo que vai em *chroma-key*. Se o selo diz "A guerra Iraque", o título lido pelo locutor na abertura da notícia deve



necessariamente incluir a expressão "a guerra Irã-Iraque".

### VARIAÇÃO PRONOMINAL

Na linguagem falada, ninguém usa as formas mesocliticas "Poder-se-ão". As formas proclíticas são mais esportâneas "A inflação se aproxima dos três algarismos". Mas se o verbo está no pretérito perfeito, use a forma enclítica. Acabou-se o que era doce".

### VERBOS

Devemos ter muita atenção com a regência de alguns verbos de uso frequente na linguagem de televisão:

**ASSISTIR**, tem vários sentidos e formas de uso:

- 1) No sentido de estar presente, comparecer: *assistir ao jogo, assistir à missa.*
- 2) No sentido de estar, permanecer: o Papa assiste em Roma.
- 3) No sentido de favorecer, auxiliar, ajudar: o direito que lhe assiste, o Conselho que lhe assiste.
- 4) No sentido de socorrer, acompanhar o doente: o médico *assistiu o doente*.

**CHEGAR**, atingir o lugar para onde se ia: *chegar a e nunca chegar em*. Ex.: chegou a Brasília, chegou a rua, chegou ao Rio.

**HAVER**, também tem vários significados

- 1) O verbo **HAVER** com sentido de **EXISTIR** é impessoal. Só se emprega na terceira pessoa do singular. Ex.: houvesse ingratidões, haveria gentilezas, há casos, havia oito mil pessoas.
- 2) O verbo **HAVER** também é usado como impessoal no sentido de tempo que passou: há oito anos que, há dois meses que.

- 3) Se o verbo **HAVER**, usado impessoalmente, e levado ao Infinitivo pelos verbos **PODERER**, **DEVERER** e **HAVER**, estes verbos devem ficar na terceira pessoa do singular: podia haver muitos recursos, deve haver grandes recursos, há de haver grandes recursos.

- 4) O verbo **HAVER** só se conjuga nas outras flexões com os sentidos de **TER**, **POSSUIR**, **SENTIR**, **ALCANÇAR**, **OBTER**, **CONSIDERAR**, **ENTENDER**, **JULGAR** ou **CONSEGUIR**. São casos raros, no entanto, na linguagem jornalística.

### IMPLICAR

- 1) O verbo **IMPLICAR**, quando significa **FAZER SU- POR, DAR A ENTENDER, ENCERRAR, PRODUZIR COMO CONSEQUÊNCIA, TORNAR INDISPENSÁVEL** e **REQUERER**, não é acompanhado da preposição **EM**. Ex.:

- Os precedentes daquele juiz implicam grande honestidade.
- Implicar contradições.
- A nulidade da obrigação principal implica a das obrigações acessórias.
- Um dever que implica descrédito para o meu amigo.

- 2) **IMPLICAR EM** ou **IMPLICAR COM**, tem o significado de **ENREDAR-SE** ou **ANTIPATIZAR**. Ex.: implicar-se em negociações, implicado no crime, implicou com fulano.

**IMPLANTAR, COLOCAR, COMUNICAR, PROCEDER**. São verbos que estão na moda. É necessário cuidado redobrado com o uso deles. **IMPLANTAR** deve ser usado no sentido de instituir, construir, introduzir. **COLOCAR** tem sentido específico e não subs-

titui pôr ou botar. **COLOCAR** quer dizer pôr ao lado de, pôr cuidadosamente. **COMUNICAR** não deve ser usado na voz passiva: foi comunicado da decisão. **PROCEEDER** também nunca deve ser usado na voz passiva: procedida a leitura.

#### VISAR

1) Este verbo não é regido de preposição quando significa dirigir o olhar para, apontar uma arma de fogo contra, ou botar o sinal de visto em. Ex.: visaram este alvo, visou um pardal, visou o passaporte.

2) Com o sentido de pretender, ter em vista alguma coisa, propor-se a... pode ser seguido de preposição. Ex.: visei ao bem da comunidade, visaram a estabelecer o pânico, a favorecer os amigos.

3) Modernamente, é comum dar-se objeto direto ao verbo **VISAR**, qualquer que seja o sentido dele. Ex.: fulano visou popularidade, visava colocar a sociedade acima de suspeitas, não visa exportar laranjas.

**APELAR**: o correto é dizer **APELAR PARA** ou **APELAR DE**. **APELAR** a alguém ou a alguma coisa é regência condenada. O jeito direito de dizer: apelou para o Supremo, apelou para o médico, apelou para o Presidente, apelou da sentença, apelou da injustiça.

**PEDIR**: a maioria dos gramáticos considera viciosa a construção *pedir para fazer alguma coisa* em lugar de *pedir que faça alguma coisa*. Para esses gramáticos, *pedir para* só se admite quando, entre o verbo e a preposição, estiverem subentendidas as palavras *licença, permissão, autorização, vênia* etc. Ex.: pediu para falar, pediu para ficar comigo.

Obs.: Machado de Assis não respeitava esta recomendação.

**AFIRMAR**: sugere sempre opinião, tomada de posição.

**DIZER**: está sempre certo; é melhor abusar dele do que usar outro verbo inadequadamente.

**DECLARAR**: é um afirmar mais solene.

**INFORMAR**: é relatar fatos.

**COMENTAR**: é opinar sobre os fatos.

**LEMBRAR**: só quando se refere a um fato passado e já conhecido.

**ACENTUAR**: indica fato ou argumento isolado de um conjunto para lhe dar ênfase. Outro verbo com o mesmo sentido: **DESTACAR**.

**ARGUMENTAR**: é tentar convencer.

**ALEGAR**: é argumentar com intenção de defesa.

**REVELAR**: apresentar um fato até então ignorado.

**ADMITIR**: tem sentido de confissão ou concessão.

**GARANTIR**: é dar certeza absoluta, assegurar sob palavra.

#### OUTRAS RECOMENDAÇÕES GRAMATICAIS

1) **AGRADAR**: pede objeto indireto e não direto. O certo é agradecer a alguém, agradecer-lhe. Não ser no sentido de tratar bem, tratar com agrados: "Maria agradeceu o pai de direito para conseguir vantagens".

2) **AMOR POR**: além do som mais agradável, tem também a preferência dos puristas da Língua Portuguesa.

3) **ANTEDILUVIANO**: o prefixo deste adjetivo é latino (ante — antes) e não grego (anti — contra). Portanto, atenção com a pronúncia.

4) **CLÁ**: tribo, casta — é do gênero masculino. **O CLÁ**

- 5) **DEVER/PODER**: é sempre melhor evitar o emprego destes dois verbos porque não são afirmativos. Mas no caso de um deles ser a melhor solução, é bom lembrar que *dever* e *poder*, empregados com o *haver* impersonal, ficam invariáveis. Ex.: deve haver provas.
- 6) **DEVIDO**: não é uma palavra coloquial. Em vez de "devido ao calor" ou "devido a ele conseguiu o que queria", por exemplo, é melhor dizer "por causa do calor" e "graças a ele conseguiu o que queria".
- 7) **EMBORA**: é uma contração, já usada pelos quinhentistas, para substituir "em boa hora". E só neste sentido que deve ser usada. "foi embora". Como preposição, para substituir *apesar de*, nunca deve ser usada na TV.
- 8) **ENQUANTO**: é condenado o emprego do que junto a esta conjunção. Evite, portanto, *enquanto que*
- 9) **ENTRE/PARA**: depois da preposição, usa-se sempre o pronome obliquo de 1.ª ou de 2.ª pessoa. O certo é "entremim e ele", "entre mim e você". Em compensação, o pronome *eu* mantém-se na forma reta com o infinitivo: "Este trabalho é para eu fazer".
- 10) **ESTADA/ESTADIA**: *estada* é o tempo de permanência de alguém em determinado lugar; *estadia* é o tempo que o navio gasta, no porto, para carga e descarga. Alguns gramáticos acham que *estadia* pode ser usada no mesmo sentido de *estada*. A maioria, no entanto, aconselha que se use *estada* toda vez que se quiser falar de uma temporada em algum lugar.
- 11) **A PREPOSIÇÃO A**: emprega-se a preposição *a* quando o tempo é futuro. Ex.: "irei daqui a três meses, daqui a pouco estarei aí. Em relação à distância, também se usa a preposição: estava a dez metros da chegada. E nas questões de tempo determinado "Aos 13 anos já era faceira" ou "As cinco para as oito começa o Jornal Nacional". E preciso muita atenção para não confundir o uso da preposição *a* com o verbo *há*. O verbo é sempre usado quando se fala de coisas passadas: há cinco anos estive em Brasília, há três meses que não vou lá. Também se usa o verbo quando se quer dar uma idéia de medida: da Rede Globo ao Caíamares, *há* exatamente dez metros.
- 12) **IBERO**: a pronúncia é paroxitona: *BÉ*
- 13) **ILESO**: com timbre aberto no *E*
- 14) **MAIS**: a expressão *mais de*, seguida de complemento leva o verbo para o número do complemento. Ex: *mais de um disse isso, mais de três disseram aquilo*. Deve-se evitar o emprego de *mais* junto de superlativos sintéticos. Ex.: *mais inílimo*. Também se desaconselha a expressão *mais tarde* quando não está oposta a *mais cedo*. (Um chegou mais tarde, outro chegou mais cedo). Em vez de dizer "disse o nome do autor do livro mais tarde" é melhor dizer "disse o nome do autor do livro depois".
- 15) **MODO**: é preferível a expressão *de modo que* à expressão *de modo a*.
- 16) **OBESO**: timbre aberto no *E*. O melhor mesmo é usar *muito gordo*.
- 17) **PARA**: em adjuntos de lugar, indica demora prolongada ou permanência definitiva. Ex: "foi a São Paulo e depois irá para o Rio".
- 18) **POSSIVEL**: é invariável em expressões como *o mais belos possível; o menos caros possível*

- 19) **RESIDIR/MORAR**: a maioria dos filólogos repete a regência da preposição *a* e prefere a regência *em* para os dois verbos: *resido na Rua Lopes Quintas, ela mora na Rua Jardim Botânico. Na TV, o melhor verbo é morar, que é mais coloquial.*
- 20) **SANTO/SÃO**: usa-se *Santo* antes do nome próprio começado por vogal: *Santo Antônio. Há exceções como: Santo Cristo, Santo Tirso, Santo Tomás de Aquino. De modo geral, São é empregado antes de nome próprio começado por consoante: São Paulo*
- 21) **SENTAR**: quando se trata de um assento, a preposição pode ser *em*: *sentou-se na cadeira, sentado no chão, sentou-se na cama.*  
Quando a idéia é de proximidade, a preposição correta é *a*: *sentar-se à mesa.*
- 22) **SÉRIO**: o superlativo de sério é *seríssimo* e não *seríssimo*.
- 23) **SUBSÍDIO**: o som do segundo S é de C e não de Z.
- 24) **TER**: em locuções adverbiais, emprega-se *ter de* quando subentende necessidade, vontade, obrigação: *tenho de ir lá.*
- 25) **TUDO**: quando não está seguido do artigo, significa *cada*: *todo filme tem o que se aproveite. Seguido do artigo, equivale a inteiro: vi todo o filme.*
- 26) **UM DOS QUE**: a expressão exige que o verbo que se segue fique no plural: *"Fulano foi um dos que afirmaram isto", "ele foi um dos que fizeram aquilo". Mas há casos em que, por um efeito de estilo com que se pretenda marcar bem a individualidade de quem age, o verbo pode ficar no singular.*

# PALAVRAS E EXPRESSÕES A EVITAR

Um dos piores defeitos no texto de televisão é a linguagem pretenciosa, usada no velho radijornalismo. Vamos, então, procurar dar o nosso recado com a maior naturalidade, no tom coloquial, espontâneo. Evite, no texto dos noticiários, palavras e expressões que você jamais diria num bate-papo.

EM VEZ DE	USE
Ancião .....	Velho
Atear fogo .....	Tocar fogo, bolar fogo, pôr fogo
Agente da lei .....	Policial
Aeronave .....	Avião
Assentar .....	Sentar
As chuvas .....	A chuva (sempre singular)
Ambos .....	Os dois
Ataúde .....	Caixão
Agente do mal, malfetor .....	Ladrão
Anuência .....	Aprovação, consentimento
Bandido .....	Assaltante, ladrão
Bichano .....	Gato
Bovino .....	Boi
Cadáver .....	Corpo
Condolências .....	Pêsames

Chefe da Nação .....	Presidente
Colisão, colidir .....	Batida, bater
Câmara Alta .....	Senado
Causídico .....	Advogado
Causa mortis .....	A causa da morte
Data natalícia .....	Aniversário
Detento, presidiário .....	Preso
Mandatário .....	Título da autoridade
Manter encontro .....	Encontrar-se
Manter conversação .....	Conversar
Fazer visitação .....	Visitar
Arbitro .....	Juiz
Edil .....	Vereador
Equino .....	Cavalo
Enfermidade, moléstia .....	Doença
Esposa, esposo .....	Mulher, marido
Familiares, membros (família) .....	Família, parente
Falecer .....	Morrer
Falecido .....	Morto
Facultativo .....	Médico
Fazer um telefonema .....	Dar um telefonema, telefonar
Flagelado .....	Vítima da seca, da inundação, do incêndio etc.
Genitora .....	Mãe
Interregno .....	Intervalo
Implementos (agrícolas) .....	Material (agrícola)
Instalação sanitária .....	Banheiro
Imortal .....	Acadêmico
Lafâpio .....	Ladrão
Lograr (êxito) .....	Ter
Logradouro .....	Rua, avenida, praça
Latrocínio .....	Roubo com morte
Matrimônio .....	Casamento
Menor .....	Garoto, menino

Magistrado .....	Juiz
Mal súbito .....	Dizer que mal
Marido da morta .....	Viuvo
Mulher do morto .....	Viúva
Nosocômio .....	Hospital
Numerário .....	Dinheiro
Óbito .....	Morte
Prêlio, peleja, contenda .....	Jogo, partida
Parabenizar .....	Dar parabéns
Próprio (estado) .....	Prédio, edifício, casa
Pertinaz enfermidade .....	Doença grave
Perceber (salário etc.) .....	Receber
Profissional do volante .....	Motorista
Plantel .....	Elenco, grupo
Parlamentar .....	Deputado, Senador
Pessoa de cor .....	Negro
Sepultar, sepultamento .....	Enterrar, enterro
Soldado do fogo .....	Bombeiro
Sinistro .....	Incêndio, tragédia
Tombar .....	Virar
Trajar .....	Vestir
Teve início, terá início .....	Começou, começará
Templo .....	Igreja
Transgressor da lei .....	Criminoso
Ter lugar .....	Acontecer
Viatura .....	Dizer o tipo de carro ou veículo
Vítima fatal .....	Morto
Vindouro .....	Próximo, que vem
Via, principal artéria .....	Rua, avenida
Versou .....	Tratou

### NUNCA USE AS SEGUINTE EXPRESSÕES

A guisa de...  
Adotou as providências de praxe

Aquela casa do Congresso  
A referida matéria  
A nível de  
Adiado *sine die*  
Ambiente descontraído ou grande descontração  
As solenidades de praxe  
Boletim médico  
Briosa corporação  
Com vistas a  
Com a chancela  
Capotou espetacularmente  
Condição *sine qua non*  
Calor senegalesco  
Com o correr das horas  
Cumprir extenso programa  
Digna de louvor  
Daquela nação amiga  
Erário público  
Em face de  
Entidades aqui representadas  
Em ambiente salutar  
Eximir de culpa  
Fontes bem-informadas  
Ferimentos contusos, contusões e escoriações  
  generalizadas  
Filho próprio  
Filho maldito  
Fulminado por um colapso  
Fortes chuvas  
Fatou à nossa reportagem  
Famoso artista, cantor etc. (se é famoso não é preciso  
  que se diga)  
Homem de negócios  
Internacionalmente famoso  
Imprensa escrita, falada e televisada  
Lamentável acidente

Morte infeliz  
*Modus vivendi*  
Mau tempo reinante  
Mera coincidência  
Numeroso público presente  
Pistas escorregadias  
Ponto alto  
Por outro lado  
Pai desnaturado  
Pego de surpresa  
Pivô da tragédia  
Poder público  
Precioso líquido  
Presentes autoridades civis, militares e eclesiásticas (se  
  for o caso, diga o nome das autoridades presentes)  
Quebrar o protocolo  
Reverenciar a memória  
Sob os auspícios  
Sob intenso tiroteio  
Sagrou-se campeão  
Surto epidêmico  
Statu quo  
Tempo sujeito a chuvas e trovoadas  
Tempo material  
Titular daquela pasta  
Tantos mortos foi o saldo (ou balanço) trágico  
  Todavia  
Últimos retoques  
Vive à margem da lei  
Valorosos soldados  
Zona boêmia

Esses e outros lugares-comuns empobrecem o te-  
  demonstram falta de imaginação e de criatividade. O te-  
  de televisão deve ser simples, mas isso não significa  
  deva ser pobre.

# ALGUNS CONSELHOS PARA A PRONÚNCIA BRASILEIRA DAS PALAVRAS

Imaginemos um diálogo numa peça de Shakespeare. *Hamlet* ou *Oleio* representada no Rio ou em São Paulo. No palco dois atores, um de sotaque rasgadoamente nordestino, o outro de sotaque desbragadamente gaúcho da fronteira. Em qualquer teatro, onde a cena acontecesse, o público iria rir, em vez de se emocionar.

E por isso que, no teatro, se tenta, há muito tempo, uma unificação nacional da linguagem falada. A unificação perfei-

ta todo mundo sabe que é impossível. Mas tentar essa unificação, até onde seja possível, tem sido a tendência em todos os países civilizados.

No Brasil, o poeta Mário de Andrade foi um dos pioneiros no esforço de definir o que seja a língua brasileira padrão. Em 1937, ele idealizou, organizou e dirigiu o 1.º Congresso de Língua Nacional Cantada. Mário de Andrade era paulista e a reunião foi em São Paulo. Sem nenhum preconceito, os especialistas da época, reunidos neste congresso, decidiram considerar a pronúncia carioca a mais perfeita do país. Eles chegaram a propor que a pronúncia do Rio fosse adotada como língua padrão a ser usada no teatro, na declamação e no chamado canto erudito. Em 37, ainda não havia televisão. Havia o rádio, que não foi mencionado na declaração.

Dezenove anos depois, em 1956, na Bahia, novo congresso de língua falada. Os mais importantes linguistas do país, reunidos em Salvador, adotaram uma decisão diferente: em vez de tomar uma região qualquer como base de tal língua padrão, eles recomendaram que se procurasse seguir como norma geral a pronúncia média do brasileiro culto de todas as regiões.

É essa pronúncia média do brasileiro culto — embora a expressão *brasileiro culto* pareça antipática — que vai ser tomada como referência para o padrão de pronúncia dos nossos telejornais de rede. Não se pretende, com isso, que os repórteres dos Estados mudem a maneira de falar. Uma coisa são os sotaques regionais que devem ser respeitados e preservados. Sotaque, numa definição ampla, vem a ser o jeito de falar de cada região de um país e inclui não só o modo de pronunciar as palavras, como a entonação e o ritmo das frases. Outra coisa é a pronúncia de nossos apresentadores. Eles têm, hoje em dia, queramos ou não queramos um papel fixador da pronúncia brasileira, sem exagero, servem de modelo para tinta milhões de famílias, em cujas casas chega, toda noite, a imagem da televisão.

## AS VOGAIS NASAIS

As vogais — a, e, i, o, u (pronuncia-se a, ê, í, ó, ú) — são, por assim dizer, os sons primários. Em português, há dois tipos de vogais orais (pronunciadas pela boca) e nasais (pronunciadas com influência do nariz). Podemos distingui-las também conforme o timbre, em abertas e fechadas.

Como não há diferenças marcantes de pronúncia das vogais orais nas várias regiões do Brasil, trataremos apenas das nasais que têm uma característica básica no português do Brasil: ocorrem muito mais do que em Portugal. Na verdade em Portugal a nasalização (m ou n) está na própria sílaba tônica (por exemplo: canto, maçãs, fim, finto, fundo). Mas o português do Brasil nasaliza também as vogais seguidas de m ou n na outra sílaba, ao contrário de Portugal. O que faz com que, nas aproximações, a própria grafia das palavras seja diferente nos dois países, o Brasil usando acento circunflexo onde Portugal usa acento agudo. Vamos aos exemplos:

- a — cama, cana, banha, campânula, âmago etc
- e — lema, cena, lenha, fênico, azémola, trêmulo etc
- i — lima, fina, linha, cínico, mímica
- o — some, lome, loma, lome, nome, homem, Antônio, econômico
- u — aprumo, escuna, unha, lúnica, úmido

Todas essas vogais dos exemplos têm timbre fechado no português do Brasil. Ou melhor, em mais de noventa por cento do território brasileiro, porque, de alguns anos para cá, existe em São Paulo e parte do Paraná a tendência para não nasalizar o o do último grupo de exemplos. Os estudiosos acham que se trata de um italianismo, dada a grande influência da imigração italiana na região. Deve ser evitado, contudo, dentro do critério de que se trata de fenômeno muito localizado, restrito a menos de dez por cento do território nacional, em choque com o resto do país. Tanto que na ortografia da língua portuguesa do Brasil usa-se o acento circunflexo (indicador de timbre fechado) para *Antônio*, *quilômetro*, *econômico* etc, caracterizando essa pronúncia como a oficial do

país e que deve ser respeitada por nossos apresentadores e repórteres. Assim pronuncie-se também *sôme* (do verbo *somar* e do verbo *sumir*), *lôme*, *lôma*, *lôme*, *hômem*, ainda que nestes exemplos não se use o acento gráfico, por serem paroxítonas as palavras, ao contrário dos três exemplos citados antes.

## OS CASOS DE ABRANDAMENTO

Ainda em matéria de vogais, existe outro fenômeno brasileiro o abrandamento do e e do o, antes de uma sílaba tônica, o e vira /e/ e o vira /u/. As duas pronúncias são indiferentemente aceitáveis porque tanto uma como a outra são usadas pelo brasileiro culto de Norte a Sul e de Leste a Oeste.

Vejam os exemplos: pedir/pidir, medir/mdir, estudo/istudo, veludo/viludo, feliz/filiz, sentir/sntr, mentira/mntira, entusiasmo/ntusiasmo, costura/custura, cortina/curtina, cobra/cubica, sovina/suviná, bolina/bulina, gourdura/gurdura, governo/guverno, compadre/cumpadre, solaque/sulaque, tomate/tumate.

O uso de uma pronúncia e de outra decorre muito mais da situação e do estado de espírito do falante, das circunstâncias do contexto, do que de qualquer outra coisa. As duas formas são correntes em todas as regiões do país independentemente de latitude e longitude.

Ressalve-se a palavra *lulebol* que so deve ser pronunciada com abrandamento. O contrário e cair no vício equivocado de que a realidade escrita deve sobrepor-se a realidade falada. Trata-se da transcrição portuguesa de uma palavra inglesa, *football*, em que se usou a vogal e medial exclusivamente, pela existência do fenômeno de abrandamento. Pronunciar *lulebol* como se escreve e tão errado como a forma pedante *nascerc* (nascer), em que se tenta inconscientemente, dizer que se conhece a ortografia da palavra. No caso de *lulebol*, a pronúncia dura da segunda sílaba só é encontrada numa parte limitada de São Paulo e do Paraná. Basta ouvir os locutores esportivos dessas regiões



Mesmo entre eles a maioria abranda a pronúncia para a forma normal *futebol*

### SEPARAR AS SILABAS

Escindir bem as palavras — quer dizer, destacar bem na pronúncia, as sílabas de uma palavra — é uma das condições básicas essenciais de uma pronúncia correta. Assim, é preciso respeitar a divisão silábica, por exemplo em *via-ja-no, re-ta-ri-a-ção, Ga-le-ão*. Ultimamente é comum ouvir-se, principalmente de São Paulo para o Sul (e especialmente no Rio Grande do Sul), pronunciar essas palavras de modo que foneticamente elas acabam equivalentes a *italhano, reiahação, galhão*. É desnecessário dizer que tal vício de pronúncia pode levar até mesmo à dificuldade de compreensão, pois *reiahar* é uma coisa, *reiahar* é outra completamente diferente.

Outro problema de má separação silábica dificultando a compreensão tem sido encontrado na mesma região, por exemplo, com as palavras *li-o, li-o, ri-o, ri-o*. No primeiro exemplo, o vício é de tal ordem que torna impossível distinguir entre *li-o* (irmão do pai ou da mãe) e *li* (sinal gráfico indicador de nasalidade). Em todo o resto do Brasil a pronúncia é muito clara: *li-o* e *ri-o* em vez de *li* e *ri*. Ainda uma vez é preciso respeitar o critério de maioria para estabelecer a pronúncia padrão.

### O PROBLEMA DO S

No caso das consoantes, os problemas são menores. O mais discutido deles, no Brasil, é o do *s* e do *z* em final de sílaba. A pronúncia carioca é igual à de Portugal. Pronunciar a portuguesa no caso é chiar o esse. É comum no Sul alguém perguntar a pessoa que passou uns tempos no Rio

— *ja* voltou chiando os esses?

Trata-se de uma brincadeira, mas que serve para marcar como essa particularidade da pronúncia carioca chama a atenção fora do Rio. Convém, portanto, não exagerá-la.

para não tornar a coisa caricata. Em termos práticos, deve-se dizer que o ideal parece ser uma pronúncia próxima do *xis* (mas não totalmente um *xis*: trata-se apenas da necessidade de exemplificar). O exagero a ser evitado seria a aproximação com o jota. Assim, mais ou menos, *uxvinte* em vez de *uvinle* para "os vinte". Com isso, estaríamos dentro da tradição e da maior extensão do território brasileiro. O exemplo do *xis* serve também para evitar o exagero contrário, que é a excessiva sibilância do esse. Essa pronúncia, tida pelos especialistas como um tanto pedante, é a que torna o esse quase um assobio, e é encontrada em algumas camadas de Minas e São Paulo. Assim: "Ossss esssssssss sibiladosssssss".

### O PROBLEMA DO R

Outro problema de consoante é o *r* de final de sílaba. Deve ser condenado o *r* de final de sílaba que se aproxima do *r* da pronúncia inglesa e é comum no interior de São Paulo e em Minas, sobretudo a parte limítrofe com São Paulo. É interessante notar que essa pronúncia se repete também na região de Campos, no Estado do Rio, como um verdadeiro bolsão. E, em matéria de bolsão, deve-se citar ainda o de algumas regiões de setanejos nordestinos em que o *r* é pronunciado como se fosse *l*. Por exemplo, em *celveja*, por *celveja*. Erro pouco comum, mas crasso, e por isso tem de ser evitado a todo custo, é este tipo de ligação: "Estarraqui". A favorrou contra as direitas em 85". A ligação deve ser feita assim, mas como se tratasse de um *erre* do meio da palavra. Assim: "Estarraqui", "A favorrou contra...".

### VOGAIS ENTRE CONSOANTES

Por último, em matéria de consoantes, é preciso tomar cuidado para evitar o erro que consiste em desenvolver uma vogal entre duas consoantes para quebrar o grupo. Os especialistas dão a esse fenômeno o horrível nome de *suarabaci*. O caso típico é o da palavra *advogado* que em algumas re-

giões do Sul se pronuncia *adevogado* e que, em grande parte do Nordeste, se diz *adivogado*. Deve ficar claro que a pronúncia *adevogado* é tão condenável como a pronúncia *adivogado*. Desenvolver um *i* no meio do grupo consonantal *div* é um erro igual a desenvolver um *e*.

Esse é um dos vícios mais comuns na pronúncia do português do Brasil. Pouca gente cuida em pronunciar corretamente grupos consonantais como *apto*, *rpto*, *lapso*, *subdelegado*, *abdícar*, *abjurar*, *etnografia*, *acne*, *adjunto*, *digno*, *magnó*, *intoxicar*, *boxe* etc., dizendo: *ápito*, *rápito*, *lápisso*, *subidelegado*, *abídicar*, *abijurar*, *etinografia*, *áquine*, *adjunto*, *diguino*, *máguino*, *intóquissicar*, *bóquisse* etc. Quanto às duas últimas palavras, é preciso notar que o *xis*, consoante dupla, constitui por si um grupo consonantal (equivalente a *cs*). Assim, a pronúncia deve ser *intocscicar*, *bocsc*. No caso de *boxe*, além de omitir o *e* final, paulistas costumam ignorar também que o *xis* é consoante dupla, pronunciando muitas vezes *bóquis*, o que é absolutamente estranho ao espírito da língua, pois desde o latim que o *xis* é consoante dupla.

### VOGAIS ABERTAS E FECHADAS

É preciso cuidado especial com algumas palavras cujo timbre vocálico vem sendo trocado com muita frequência: vogal fechada em vez de vogal aberta e vice-versa. É o caso por exemplo de *obeso* e *leso*, entre muitas outras. Nos dois exemplos, a pronúncia correta é com a vogal tônica aberta. Nunca se ouviu ninguém dizer *lêso*, por exemplo, mas *léso*. Ora, *leso* é a negativa de *leso*, não há qualquer motivo para alterar o timbre vocálico. A lista é longa (há livros inteiros escritos no Brasil sobre *ô*, *é* e *ê*), mas quando houver dúvida basta consultar um bom dicionário, o que, aliás, pode se transformar num hábito saudável. O *Aurélio*, por exemplo, traz as pronúncias. Mas há um limite de bom senso para tudo. Algumas palavras estão definitivamente estabilizadas na língua e seria um escândalo alguém dizer *môça* ou *mêsa* em vez de *môça* ou de *mêsa*.

# A IMAGEM

# INTRODUÇÃO

Um provérbio chinês muito citado pelos jornalistas diz que uma boa imagem vale mais do que mil palavras. Em jornalismo de televisão ninguém duvida: a imagem é mais forte do que a palavra. Toda vez que num telejornal as falas estão em desacordo com as imagens produz-se uma espécie de descarrilamento da comunicação: o trem das palavras vai para um lado e o trilho da imagem, para outro. Num caso desses, a informação auditiva se perde, mas a mensagem visual sempre chega ao destino.

Duas coisas prendem o telespectador ao telejornal: A primeira é a notícia. Diante de uma notícia forte, não há quem não pare e não passe a olhar a telinha. O outro imã é a imagem forte. Imagem é antes de tudo emoção. Por isso a boa imagem se comunica sozinha, sem palavras.

Texto e imagem no telejornalismo devem estar juntos, inseparáveis como os olhos e os ouvidos de uma pessoa. É a imagem que deve comandar o texto e não o texto que deve comandar a imagem. Experimente ver, sem som, uma reportagem de TV com uma imagem forte. Depois tente fazer a mesma coisa ao contrário: apenas escute a narração, sem a imagem. Pense na imagem e junte o texto: quase sempre ele sobra.

Nós, jornalistas de televisão, ainda escrevemos demais. Não pontuamos nossas reportagens. Quer dizer não apoiamos a imagem com o texto. É essa é a nossa função. Temos de usar as palavras como suporte da imagem. É na imagem que a televisão ganha do rádio e do jornal. É com a imagem que a TV fascina a gente e prende a atenção das pessoas.

A reportagem de televisão não é uma obra individual. É o resultado de um trabalho de equipe, em que entram o repórter, o cinegrafista, o operador de som, o editor, muita gente. O cinegrafista cumpre uma missão jornalística, de parceria com um repórter de vídeo. Repórter e cinegrafista têm a pauta, conversam com o chefe de reportagem, pedem a opinião dos editores, recorrem à pesquisa do Centro de Documentação. O repórter de vídeo não pode conceber o seu texto sem considerar a imagem. O repórter deve estar grudado no cinegrafista. Os dois — e mais o operador de som — discutem o entoque do assunto e os pontos em que a imagem deve se concentrar.

A imagem tem um estilo de narração próprio. É o que se chama a narrativa dos sentidos. É preciso respeitar a força visual da cena. Para transmitir a emoção contida na imagem, muitas vezes o silêncio, com o som ambiente, vale mais do que uma frase de efeito.

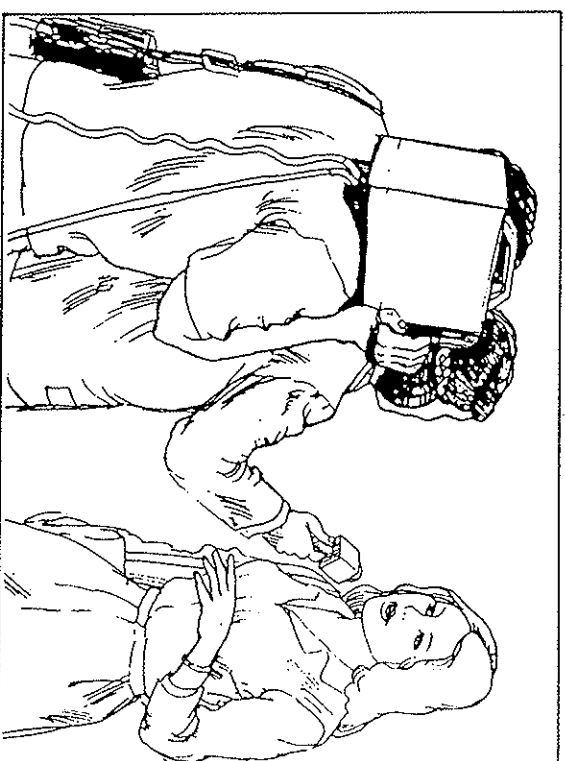
Nosso texto não pretende descrever pura e simplesmente o que o telespectador já está vendo com os próprios olhos. Seria chover no molhado. Nosso texto completa a imagem, identificando os elementos fundamentais da notícia (o que, onde, quando etc.). Mas convém não esquecer que a televisão as vezes precisa ser redundante, e que a repetição exige criatividade.

Da mesma maneira que o editor de pauta e o repórter de vídeo precisam roteirizar a reportagem em termos de imagem, o cinegrafista deve *imaginar* a filmagem em termos de edição. É fundamental que o cinegrafista saiba editar.

Um cinegrafista não é um apertador de botão. Ele faz um trabalho jornalístico que exige bom gosto, sensibilidade, educação artística, noção dos valores da cor e senso dramático. Um bom cinegrafista só pode chegar à boa composição se ele sentir os elementos visuais e emocionais envolvidos na história que vai filmar.

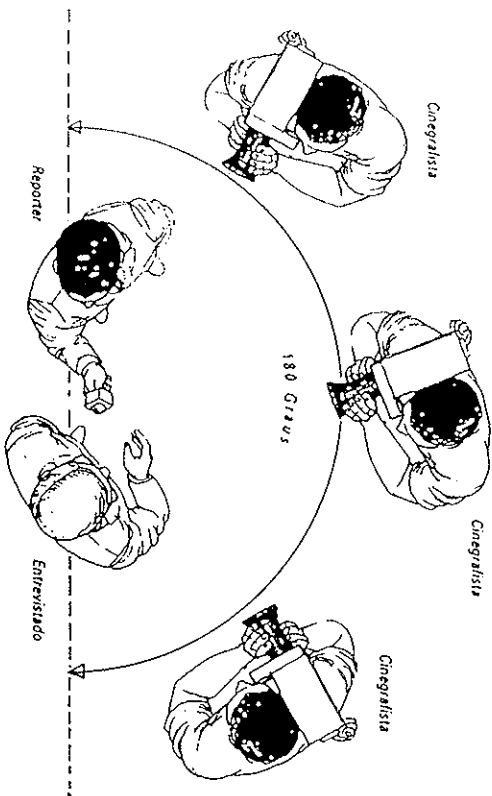
# A FILMAGEM DE ENTREVISTAS

A filmagem de entrevistas — uma situação elementar na reportagem de televisão — é até hoje muito discutida. Mas a experiência de todo dia estabeleceu algumas regras. Essas regras são baseadas no senso comum. Quer dizer, no bom senso.



## A REGRA DOS 180 GRAUS

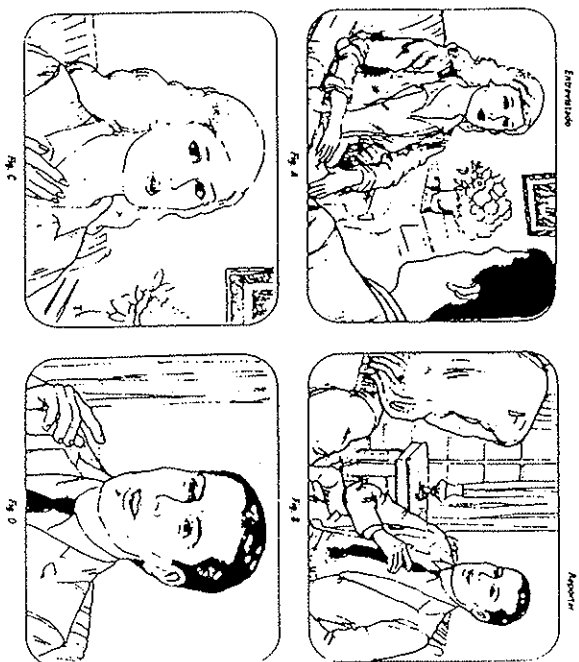
É uma regra que todo homem de imagem deve conhecer e respeitar. Muito simples: os cinegrafistas devem traçar uma linha imaginária, unindo o repórter ao entrevistado, e trabalhar apenas num dos lados dessa linha, num ângulo de 180 graus, como no desenho abaixo



Respeitada a regra dos 180 graus, mesmo quando o repórter e o entrevistado não apareçam juntos em plano geral na mesma imagem, percebe-se que o entrevistador está voltado para o entrevistado e vice-versa

## ENQUADRAMENTO PADRÃO

Parte das costas e do ombro do repórter deve aparecer em algumas respostas do entrevistado (Fig. A) O entrevistado deve sempre aparecer em primeiro plano, olhando para a câmera (Fig. C). O repórter pode aparecer em primeiro plano nas perguntas (Fig. D). O repórter pode também relatar as perguntas, em plano médio, no final da entrevista: é mais um recurso para a edição (Fig. B). E atenção: o entrevistado não deve ser enquadrado, o tempo todo, em plano fechado. O plano americano, numa parte da entrevista, é indispensável para facilitar a inserção dos créditos em gerador de caracteres. Do contrário, as letras vão cobrir a boca do entrevistado, enquanto ele está falando.



## CENAS DE CORTE

Os famosos *takes* de mãos do entrevistado são coisas do passado. Isso não se discute mais. As mãos que distraem o telespectador, que sujam a imagem e prejudicam a sequência da informação, nem sempre estão sincronizadas dizendo a mesma coisa que o entrevistado.

Esse e outros remendões como os detalhes neutros sem continuidade — usados para reduzir uma entrevista, saltaando pedaços — podem ser substituídos por soluções mais simples: planos diferentes, abertos e fechados ou — melhor ainda — o plano e o contraplano do repórter e do entrevistado.

## OS CONTRAPLANOS

Toda vez que houver condições, recomendam-se os contraplanos para facilitar a edição do diálogo.

O contraplano do entrevistado é o entrevistado parado, olhando na direção do repórter e ouvindo uma pergunta.

Por sua vez, o contraplano do repórter é, naturalmente, a imagem do repórter ouvindo o entrevistado, numa atitude neutra. Um lembrete: é proibido o repórter balançar a cabeça afirmativamente como se concordasse com o que o entrevistado está dizendo.

Se o entrevistado foi embora logo depois da entrevista, o cinegrafista pode fazer a imagem do repórter olhando para o mesmo lugar em que estava o entrevistado. Se você não estiver trabalhando com o microfone de tapeia o microfone de mão deve ficar na direção da boca do entrevistado, como se ele ainda estivesse ali. Atenção: se as perguntas liverem de ser refeitas na ausência do entrevistado, o repórter não pode, em hipótese alguma, modificar o tom, a forma e o conteúdo das frases.

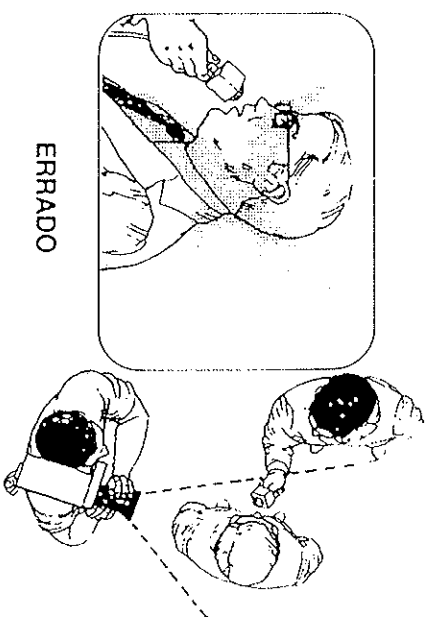
## PLANO GERAL

Outra saída para a edição é uma cena de plano aberto (corpo inteiro) em que não se identifique o movimento labial do entrevistado. Pode-se variar o ângulo a cada pergunta, mas com o cuidado de evitar o vaivém do *zoom*.

Nas entrevistas em salas e gabinetes deve ser feito sempre o plano geral em que apareçam o entrevistado, o repórter e o ambiente. O entrevistado deve estar falando na direção do repórter. A cena pode ser feita mais cedo enquanto o repórter prepara a entrevista, ou no fim quando a entrevista acabou. Atenção: também no plano geral devemos fazer as duas situações: o repórter falando ao microfone (o que possibilita editar perguntas) e o entrevistado falando.

## ERROS DE ENQUADRAMENTO

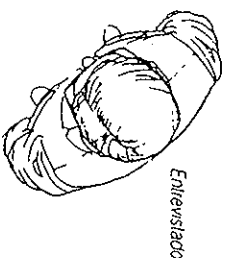
Um erro de enquadramento muito frequente acontece do quadro fica vazio; na outra metade aparece o entrevistado falando para uma mão misteriosa com o microfone. É uma imagem fotograficamente pobre e errada — uma imagem que não diz nada ao telespectador.



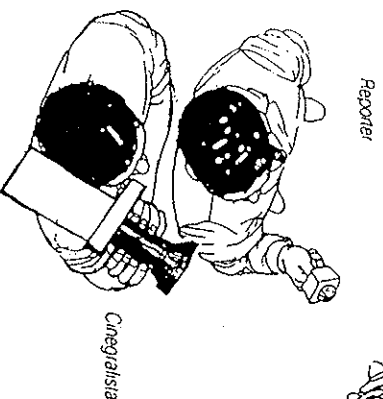
O problema pode ter uma solução fácil: é só colocar o repórter ao lado da câmera. Não faz mal que apareça parte das costas do repórter. Dessa maneira, o entrevistado fica falando para o telespectador. Fica mostrando os olhos, a expressão do rosto — detalhes que reforçam a ligação entre o entrevistado e o telespectador.



Cerro



Entrevistado



Repórter

Cinegrafista

Cerro

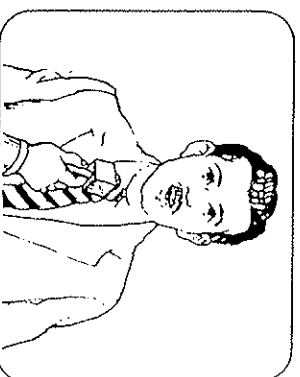
## MICROFONES

Esta regra é sagrada: o repórter não pode entregar o microfone da Rede Globo ao entrevistado. O microfone, em qualquer circunstância, deve ser empunhado pelo repórter.

Um erro muito comum é colocar o microfone muito perto, às vezes até colado na boca do entrevistado, o que geralmente produz chiados. Isso compromete a qualidade do som, além de empobrecer a imagem. Sem falar que o microfone muito perto do rosto agride e inibe o entrevistado. A distância aconselhada é um palmo.



Errado



Certo

Sempre que o microfone de lapela estiver disponível, devemos usá-lo. Os microfones maiores assustam o entrevistado e sujam a imagem. Nas entrevistas mais tranquilas, tanto o entrevistado como o entrevistador usam microfones de lapela. Em algumas situações, principalmente quando há mais de um entrevistado, o melhor microfone é o direcional.

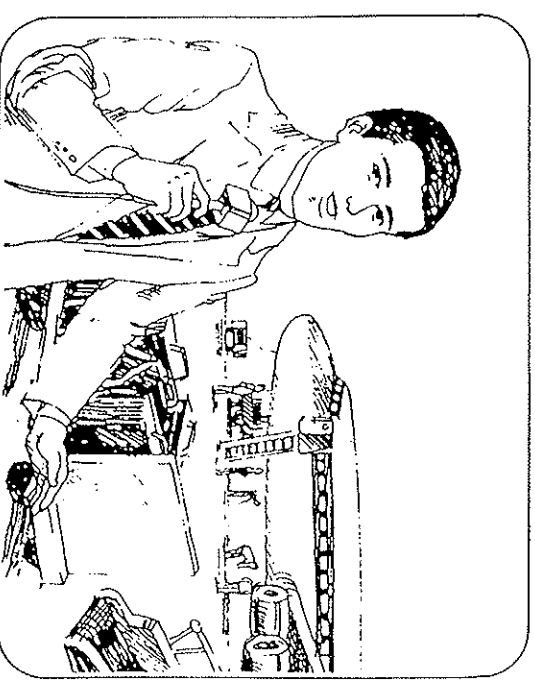
# NORMAS PRÁTICAS PARA CINEGRAFISTAS E REPÓRTERES

## ABERTURAS, PASSAGENS, ENCERRAMENTOS

Nas aberturas, passagens, encerramentos e stand-ups, o repórter não deve aparecer em *big-close*. O plano recomendado é o plano americano. Quer dizer, o repórter deve ser enquadrado da cintura para cima. Esse é o nosso enquadramento padrão.

O repórter fica numa posição ligeiramente diagonal, com o cenário ao fundo. Isso valoriza a figura do repórter, dando a perspectiva e tornando o quadro mais agradável.

Nas passagens, o repórter não deve ficar no centro do quadro, mas de preferência num dos lados: à direita ou à esquerda, para aproveitar o ponto de fuga, valorizando a informação visual. O limite deve ser a cintura do repórter. Mas, em alguns casos, se o assunto exigir isso, a passagem pode começar com o repórter de corpo inteiro, fechando gradualmente até atingir o enquadramento mostrado na figura.





O repórter deve explicar ao cinegrafista o que pretende fazer na abertura, passagem ou encerramento, a fim de que o cinegrafista possa aproveitar no ambiente uma imagem que reforce a fala do repórter. Filmar primeiro um detalhe e depois abrirem lentamente para o repórter é uma boa opção. O repórter pode entrar em quadro caminhando. O movimento do repórter e da câmera, nesse caso, é ensaiado para que haja sincronismo.

O importante é que as aberturas, passagens e encerramentos não sejam sempre iguais. O repórter deve ter em mente que o importante é a imagem. Ele deve se colocar no quadro em função da cena. É conceber a sua fala a partir daí.

É preciso lembrar que a presença do repórter tem de ser natural. Tem de fazer parte do todo da reportagem. E ele não deve aparecer simplesmente por aparecer, mas porque a presença dele acrescenta alguma coisa à reportagem.

## ARTE

Na filmagem de obras de arte, o tripé é fundamental. A câmera na mão, jamais. Cada cena é cuidadosamente ensaiada. O movimento deve ser harmonioso e suave. Os detalhes são feitos com a câmera fixa no tripé para mostrar a obra inteira. Primeiro se nivela a câmera. Esse tipo de trabalho exige também um cuidado especial com a iluminação.

## CENAS AÉREAS

Numa filmagem feita de avião ou helicóptero, as cenas gravadas em grande-angular ficam muito distantes e sem definição e as gravadas em teleobjetiva ficam tremidas e com muito balanço. O melhor é procurar uma objetiva normal que se adapte a essa circunstância.

## CÂMERAS E VTS

Algumas observações sobre o uso das câmeras

eletrônicas

1. Feche o tubo da câmera com o filtro zero para manter as referências das cores. Na falta do filtro, use o *colour-bars* ou o *C de close*.

2. Nunca aponte a câmera para sol ou pontos de luz muito fortes sem a utilização de filtros especiais. A luz forte pode danificar irremediavelmente o tubo da câmera.

3. Use o *colour-bars* para a monitoração do vídeo e outros ajustes do sistema.

4. O *white balance* é fundamental para se obter uma boa imagem. A cada mudança de iluminação, é preciso bater o branco. Pode-se usar uma cartolina branca, uma placa de fórmica fosca, um papel branco ou mesmo uma parede, fazendo-se foco absoluto num quadro de 15 cm por 15 cm. Mas não se esqueça de trocar o filtro antes das correções de *white balance*.

## CONTRALUZ

O contraluz pode dar uma bela fotografia, mas pode também ser traçoeiro, prejudicando a imagem. Se o cinegrafista tomar cuidado especial ao filmar um objeto em contraluz, o resultado pode ser excelente. Quando se faz uma entrevista ou um encerramento de repórter em contraluz, é preciso observar-se o fundo. Na maioria das vezes, nem mesmo um *sun-gun* consegue compensar a diferença de diafragma, e a imagem principal fica ligeiramente silhuetada. O ideal é utilizar um rebatedor. Mas esse rebatedor, dependendo da distância, pode ser desastroso para o repórter ou a pessoa entrevistada. Se o rebatedor estiver muito perto, a luz refletida pode ser tão intensa que prejudica a concentração do repórter. A distância ideal seria aquela em que o rebatedor produz uma claridade suficiente para compensar o diafragma, mas não tão intensa a ponto de prejudicar o rendimento da entrevista. O rebatedor deve sempre ser usado de cima para baixo, com mão firme. Um rebatedor eficiente e

parato consiste numa simples lâmina de isopor. Sempre que se fizer um contraluz, uma boa solução é colocar o repórter numa posição em que a luz do fundo seja igual à do seu rosto. Mesmo assim, deve ser usado um *sun-gun*.  
Atenção: nas filmagens em contraluz, o diafragma deve ficar na posição manual.

## DIAFRAGMA

Recomenda-se usar o diafragma da câmara na posição manual, em vez do automático. A correção manual permite um melhor equilíbrio de iluminação entre as cenas. O cinegrafista precisa descobrir, ele próprio, o contraste perfeito no visor da câmara. Mesmo numa cena em movimento, ele deve ser capaz de fazer a correção.

O diafragma na posição automática deve ser evitado na medida do possível. Na maioria dos casos, ele mede a luz preponderante, que nem sempre é a iluminação do objeto principal da filmagem.

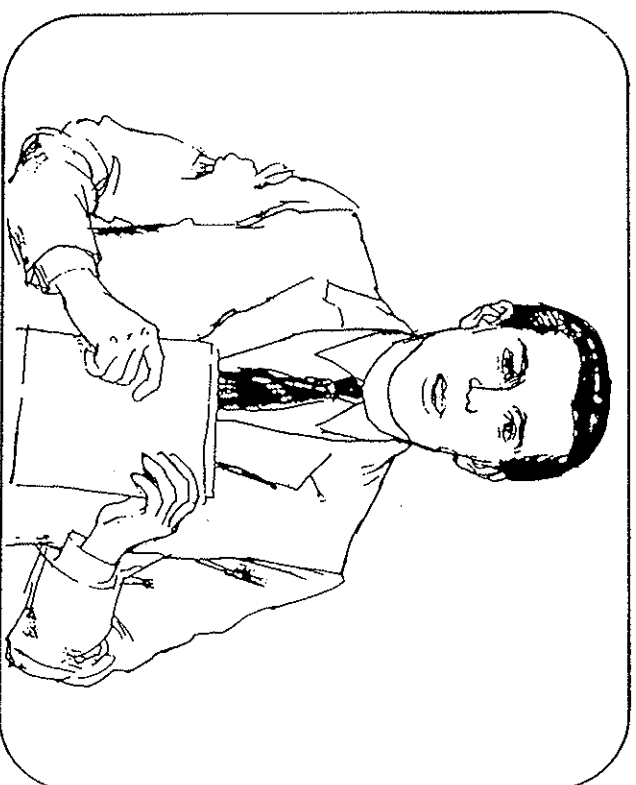
## ENQUADRAMENTO

Não basta fazer um enquadramento correto do ponto de vista técnico. É preciso que haja perfeito balanceamento na composição da cena. Às vezes uma coisa qualquer ao fundo — um jarro de flores, um quadro ou mesmo uma pessoa — desequilibra a composição. Procure deixar detalhes em ponto de fuga. De preferência, deixe o fundo desfocado. Evite também que essa coisa qualquer no fundo roube a atenção do telespectador.

## ENQUADRAMENTO DO REPÓRTER

O enquadramento do repórter varia conforme a situação. Às vezes é preciso enquadrá-lo em cima de um monte de pedras ou atravessando uma rua. Às vezes é necessário enquadrar o fundo que tem uma imagem valiosa, uma informação visual importante. É necessário,

porém, um enquadramento padrão, para evitar confusão e imagens ruins no ar. A regra é enquadrar o repórter da cintura para cima, como na figura abaixo. Esta é uma linguagem que precisa ser observada: closes e enquadramentos mais fechados são para apresentadores. Só em casos excepcionais vale alterar esses enquadramentos.



Repórter

## EQUIPAMENTO

Antes de sair para uma reportagem, o cinegrafista deve revisar o equipamento recebido. Deve levar material de reserva: lâmpadas, fitas, extensões, gelatinas azuis, tudo o que for preciso.

## EXPLOSÕES

Quando acontecem com hora marcada, o uso do tripé é obrigatório. Do contrário, o cinegrafista pode se assustar e desviar a câmera do objetivo. Recomenda-se também que, por precaução, a câmera seja ligada trinta segundos antes da contagem regressiva.

## FOTOGENIA

O rosto de cada um de nós é formado de linhas assimétricas. Cada lado da face tem uma forma definida. Os lados são, portanto, diferentes. Em função dessa diferença de contorno, a maioria das pessoas se fotografa melhor de um determinado ângulo. É o que se chama de um lado mais fotogênico. Mesmo com um enquadramento tecnicamente correto, se você filmar alguém pelo lado não fotogênico, a composição do quadro ficará provavelmente desequilibrada.

Vão aqui três regras para determinar a fotogenia das pessoas.

1. Normalmente as pessoas reparam o cabelo para o lado em que gostam de ser vistas. Este também é o lado fotogênico.
2. Num gabinete, as pessoas geralmente colocam a cadeira do visitante do lado em que desejam ser observadas.
3. Se você chamar uma pessoa, ela tende a ficar na posição preferida para a fotografia.

## ILUMINAÇÃO

A boa imagem se faz com boa iluminação. A iluminação chapada provoca sombras feias e saturação. Para evitar a saturação deve-se afastar o spot ou usar difusores ou luz rebatida.

Em matérias mais elaboradas pode-se usar um contraluz. O contraluz destaca o entrevistado e dá boa idéia da profundidade de campo.

## MICROFONES

A distância aconselhada é um palmo. Mas o ideal mesmo é fazer um teste de áudio antes da gravação. Atenção: espere seis segundos antes de gravar. Faça a contagem regressiva: 6-5-4-3-2-1. Mas, a partir do 3 conte mentalmente, para a contagem não emendar no texto que você foi gravar.

Sempre que possível, devemos usar microfones de lapela. Mesmo nas passagens e encerramentos, os reporteres devem usar microfones de lapela: assim podem gesticular, segurar um papel, apontar imagens, podem sentir-se mais livres na reportagem.

Quando há muito ruído ambiente, o repórter aproxima o microfone da boca e fala normalmente, sem elevar a voz.

## NÚMEROS MUSICAIS

Na filmagem de números musicais, recomenda-se gravar pelo menos dois minutos sem interrupção para o aproveitamento da trilha sonora. Em seguida, convém fazer cenas dos músicos em ângulos neutros de modo a não comprometer o sincronismo da música gravada inicialmente. Cenas gerais, contraplanos e closes também devem ser feitos para complementar a edição.

## PANORÂMICAS

As panorâmicas devem ser ensaiadas mentalmente ou com a própria câmera. Lembre-se de que o excesso de panorâmicas numa reportagem é tão desagradável quanto o exagero no movimento de zoom. As panorâmicas devem ser seguras e precisas, jamais indecisas. Sempre que possível, use algo em movimento para acompanhar a panorâmica. E uma maneira de tornar o movimento mais suave

## PAUTAS

As pautas de reportagem devem ter como referência a imagem. Elas precisam ser rotinizadas, de uma maneira simples mas objetiva. Não se podem admitir, na televisão, pautas que não tenham indicação para o cinegrafista. É certo que, na maioria dos casos, o cinegrafista faz o que sua sensibilidade manda, mas o resultado será mais satisfatório se a pauta já tiver uma previsão de roteiro.

## REGRA DOS 180 GRAUS

Na filmagem de qualquer entrevista e também na filmagem de desfiles, bandas de música em movimento, passeatas, corridas de carro e situações semelhantes, a regra dos 180 graus é sagrada: não se deve inverter o eixo da filmagem. O cinegrafista traça uma linha imaginária e a câmera se move apenas num dos lados dessa linha.

## SOM

O som é um elemento fundamental no telejornalismo. Todas as cenas devem ser gravadas com som. Inclui-se as cenas de ilustrações: as que se destinam a cobrir o texto do repórter. Por isso o operador de som

deve estar sempre ligado no que está acontecendo. Não adianta o cinegrafista estar atento se o operador de som estiver desatento. Recomenda-se um perfeito entrosamento entre os dois. O ideal seria que a equipe fosse sempre a mesma para garantir esse entrosamento.

## SONOPLASTIA

Toda matéria jornalística editada deve ter som ambiente em BG. E esse BG que dá o clima do acontecimento. Pode ser uma orquestra tocando longe, pode ser uma chuva caindo, pode ser o simples ruído do trânsito. Mas, para dar o clima do acontecimento, esse BG deve ser, antes de tudo, verdadeiro. Precisa ter sido gravado no lugar e na hora em que a coisa aconteceu.

Quando se trata de uma reportagem com fundo musical, a gravação de música ambiente pode ser usada do começo até o fim da edição e não apenas na cena precisa em que foi gravada. Permite-se essa liberdade na edição de matérias de carnaval, bailes, festas folclóricas, cerimônias religiosas, desfiles militares com banda de música etc. O cinegrafista, nessas matérias, deve registrar uma sequência musical inteira que sirva, na edição, para sobre-som e BG. Não adianta colher muitos trechos picotados e sem continuidade. É melhor uma boa e única sequência.

A sonoplastia de arquivo em geral é fria em relação ao fato quente. Deve ser usada excepcionalmente e com extremo cuidado, para não falsear a verdade do registro jornalístico. Só se admite quando, por um problema qualquer, as imagens disponíveis são mudas. Exemplo: a sonoplastia dos motores de um avião como BG de uma entrevista feita durante um voo ou os gritos de uma torcida depois do gol.

Num telejornal de *hard-news* como o Jornal Nacional e o Jornal da Globo não se admite sonoplastia musical para matérias jornalísticas. Ela só vale em matérias

muito especiais, como perfis de pessoas cuja vida está associada a determinada música ou melodia

No *Jornal Hoje* o uso de trilhas musicais em BG está igualmente limitado aos *features* e matérias especiais. E o caso de matérias específicas sobre música, entrevistas com cantores e coberturas de *shows*. Admite-se ainda que tenham um BG musical certas matérias de moda e exposições de arte

## TRIPÊ

O uso da câmera na mão ou no tripê depende do com senso do cinegrafista. É a natureza da cena que vai determinar a decisão. O uso inadequado da câmera pode destruir a imagem e ferir a vista do telespectador.

De uma maneira geral, o uso do tripê é obrigatório nas seguintes situações: *stand-ups*, aberturas, encerramentos, passagens de repórter, entrevistas (especialmente aquelas em que repórter e entrevistados estejam sentados), exposições de arte, reprodução de trabalhos artísticos e filmagens de explosões programadas.

## VIOLÊNCIA

O registro de situações de violência exige muito do cinegrafista. Cabe a ele transmitir calma e confiança à equipe técnica. É importante fazer uma avaliação correta da intensidade real de risco. Lembre-se de que, no nosso trabalho, não se precisa de heróis propriamente ditos. Precisa-se da reportagem.

O cinegrafista registra, com imagens e som, a situação de pânico, sem entrar em pânico. Ele e os assistentes devem falar o menos possível, durante a filmagem, porque o som ambiente vai ser fundamental para caracterizar a situação. Daí a importância da coordenação de movimentos entre cinegrafista e operador de som, a fim de que som e imagem se completem

As cenas devem ter o movimento que antecede a ação, a ação e as reações. Num quebra-quebra, por exemplo, correr atrás dos manifestantes não dá certo. As imagens ficam balançadas. É melhor começar num plano geral, mostrando toda a movimentação, e depois partir para os detalhes, quando a cena for prolongada.

Num tiroleio, ninguém vai querer ficar na linha de tiro ou no meio do fogo cruzado. Mas, quando isso acontece de repente, o cinegrafista primeiro deve se proteger. Um exemplo: nosso companheiro Reynaldo Cabreira pôde filmar corajosamente um tiroleio em Jacareí. São Paulo, escondido atrás de um carro e com a câmera em cima do carro.

## ZOOM

A objetiva *zoom* tem o poder de trazer o objeto a grandes detalhes, partindo de um plano geral. Lembre-se de que essa lente foi criada para dar opção ao cinegrafista de ter várias lentes numa só, e não para ser usada num vaivém desordenado. Portanto, use-a com o maior critério. Só em casos especiais. Numa matéria de um minuto não pode haver mais de um movimento de *zoom*. Assim mesmo, só se for para acrescentar algo à informação. O movimento excessivo de *zoom* dificulta a edição e é desagradável visualmente